

ATLAS POVOS INDÍGENAS

PET CONEXÕES DE SABERES:
Comunidades Indígenas



Foto: Povo Apurinã. Miqueias Rosa.

www.petcomunidadesindigenasufac.org

PET
INDÍGENA
Conexões de saberes:
comunidades indígenas

ATLAS POVOS INDÍGENAS: uma produção do Grupo PET **CONEXÕES DE SABERES:** Comunidades Indígenas da UFAC

Organizado por:

Aline Andréia Nicolli
Alvaro Ferreira de Moura Apurinã
Ângela Nunes Silva Manchineri
Clécio Ferreira Nunes Huni Kuin
Elcio Severino da Silva Filho Manchineri
Ernizia Borges Sereno Kaxinawá
Francisco Batista da Silva Manchineri
Jhonnatan Nascimento Oliveira Apurinã
José Ruy do Nascimento Etcaninde Xokó
Kailane da Silva Nunes Apurinã
Ketlen Lima de Souza Apurinã
Liliane Araujo Maia Puyanawa
Paulo Henrique Apurinã
Quéren Souza de Castro Manchineri
Ruwi Costa Silva Manchineri
Wardeson Rodrigues Domingos Kaxinawá
Wuriu Costa Silva Manchineri

ATLAS POVOS INDÍGENAS: uma produção do Grupo PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas da UFAC

©Autores(as), 2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Esta publicação é o produto desenvolvido pela equipe do Programa de Educação Tutorial - Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre, disponível no endereço eletrônico: <https://www.petcomunidadesindigenasufac.org/>

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

A881

Atlas povos indígenas: uma produção do Grupo PET conexões de saberes: Comunidades indígenas da UFAC / Organizado por: Aline Andréia Nicolli, Alvaro Apurinã, Angela Nunes Silva Manchinery [et al.] - Rio Branco (AC): PET Indígena, 2024.
80 f.: il.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.

Disponível em: <https://www.petcomunidadesindigenasufac.org/>

1. Povos Indígenas. 2. Saberes. 3. Acre. I. Nicolli, Aline Andréia. II. Apurinã, Alvaro. III. Manchinery, Angela Nunes Silva. IV. Título.

CDD: 305.8.



Crianças Kaxinawá. Aldeia Água Viva, Estado do Acre. Foto: Ricardo Stuckert - [@ricardostuckert](https://www.instagram.com/ricardostuckert)

*Não existe uma "cara de índio",
mas sim uma identidade que
nos torna pertencentes a um
povo.*

Márcia Wayna Kambeba



ATLAS POVOS INDÍGENAS

Apresentação	5
O que é ser Indígena?	6
Censo 2022	7
Povo Apurinã	18
Povo Huni Kuin	25
Povo Manchineri	38
Povo Puyanawa	45
Povo Xoko	57
Literatura Indígena	63
Filmes	68
Alguns Festivais Realizados no Acre	69
Jogos e Brincadeiras	71
Conquistas Indígenas	73
Movimentos Indígenas	75
Sobre o Programa PET	77
Equipe	78



APRESENTAÇÃO

Para início de conversa, tomamos a liberdade de dizer, aos nossos leitoras e leitores, que o Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, responsável pela publicação da presente obra, surgiu, na Universidade Federal do Acre (Ufac), em 2010, e nos seus 14 anos de existência, tem investido no desenvolvimento de diferentes ações e/ou atividades de ensino, pesquisa e extensão, de forma que suas ações/produções possam impactar a comunidade.

Sendo assim, com o intuito de continuar cumprindo sua missão, o Grupo coloca à disposição, de quem tiver interesse, o “Atlas: Povos Indígenas”, que se caracteriza como um material de divulgação científica, por meio do qual são disponibilizados elementos da história, cultura e dos saberes dos Povos Indígenas que se fazem representar no Grupo, quais sejam: Apurinã, Huni Kuin, Manchineri, Puyanawa e Xokó.

Além disso, leitoras e leitores encontrarão alguns dados do Censo de 2022, que caracterizam a População Indígena no estado do Acre, na região Norte e no Brasil, bem como sugestões de livros, filmes, jogos e brincadeiras indígenas que podem se configurar como possibilidade para a abordagem pedagógica da temática em salas de aula na Educação Básica, ou mesmo no Ensino Superior.

Finalizamos garantindo, às leitoras e aos leitores, que todos os nossos esforços são eivados do objetivo de promover reflexões sobre o fato de que “não há nenhuma diferença entre a importância, o valor e o significado da ciência dos brancos e das ciências indígenas.” (Baniwa, Gersem, 2021).

Rio Branco, Acre, agosto de 2024.

Aline Andréia Nicolfi

Tutora do Grupo PET Conexões de Saberes:
Comunidades Indígenas, Ufac.



Foto: Acervo do Grupo PET. Divulgação autorizada.

O QUE É SER INDÍGENA ?

Antes de começar gostaria de dizer que cada pessoa fala/escreve de um lugar, de um tempo. O que estou fazendo aqui, é completamente experimental. Então, sou eu falando/escrevendo sobre o que é ser indígena a partir da experiência de estar nos mundos (ou no mundo) atravessada pelas histórias, as culturas, as linguagens, entre outras mil coisas, nada disso é fixo nesse sentido, tudo é movimento. Além disso, costumo dizer que as coisas são datadas. Isso não é uma fala de impacto, pois assim as coisas são, para mim, por exemplo, foi assim em relação ao autorreconhecimento.

Estamos aqui com essa palavra “indígena”, e sim, ela é genérica, problemática e pode carregar vários sentidos/significados, entre outras coisas que não serão negadas por mim, mas se paramos para pensar ela tem sido usada para substituir a palavra “índio”, o que se pode dizer mais, além do que foi dito, é o sentido pejorativo produzido/reproduzido desde a chegada dos invasores nas terras daqui, a massificação discursiva de colocar todos, que aqui estavam, da mesma forma, como sendo a mesma coisa. Então penso ser arriscado dizer que a troca de uma palavra é suficiente para não atribuir o sentido pejorativo.

Será que depois de todas as formas de violência que ainda vivem os povos indígenas, daqueles que sobreviveram até a atualidade, eles/nós não entendemos que precisamos nos organizar sobre uma palavra/categoria mesmo que seja problemática dentro dessa sociedade ocidental dominante? Logo, ser indígena é anunciar isso para o mundo, é um posicionamento político. Dito isso, impressiona a muitos brancos e a sociedade ocidental que reivindicamos o direito à vida e a melhores condições materiais de vida a partir da cultura de cada povo. Depois, desconfio que o processo de nos enganar/escravizar/matar (nessa ordem) ainda é entendido como um “direito” (justificado por uma pretensão de superioridade) intrínseco ao que desejam exercer, que nunca foi possível sem resistência e luta.

Por Ketlen Apurinã

Ser indígena não é se esconder por baixo do genérico, quando os indígenas/parentes se reúnem a pergunta primordial é: de que povo você é? (Alguns não indígenas também perguntam, contudo são aqueles com certo tipo de conhecimento), então percebemos o que os outros não percebem, somos diferentes certamente, viemos de um lugar, atravessamos os tempos, vieram outras pessoas antes de nós, significamos de forma única. Isso não tem um caráter pejorativo, o encontro com uma pessoa igual/diferente ao mesmo tempo é sinal de reconhecimento, aprendizado, experiência, saudação, já que um povo pode/deve contribuir com o outro.



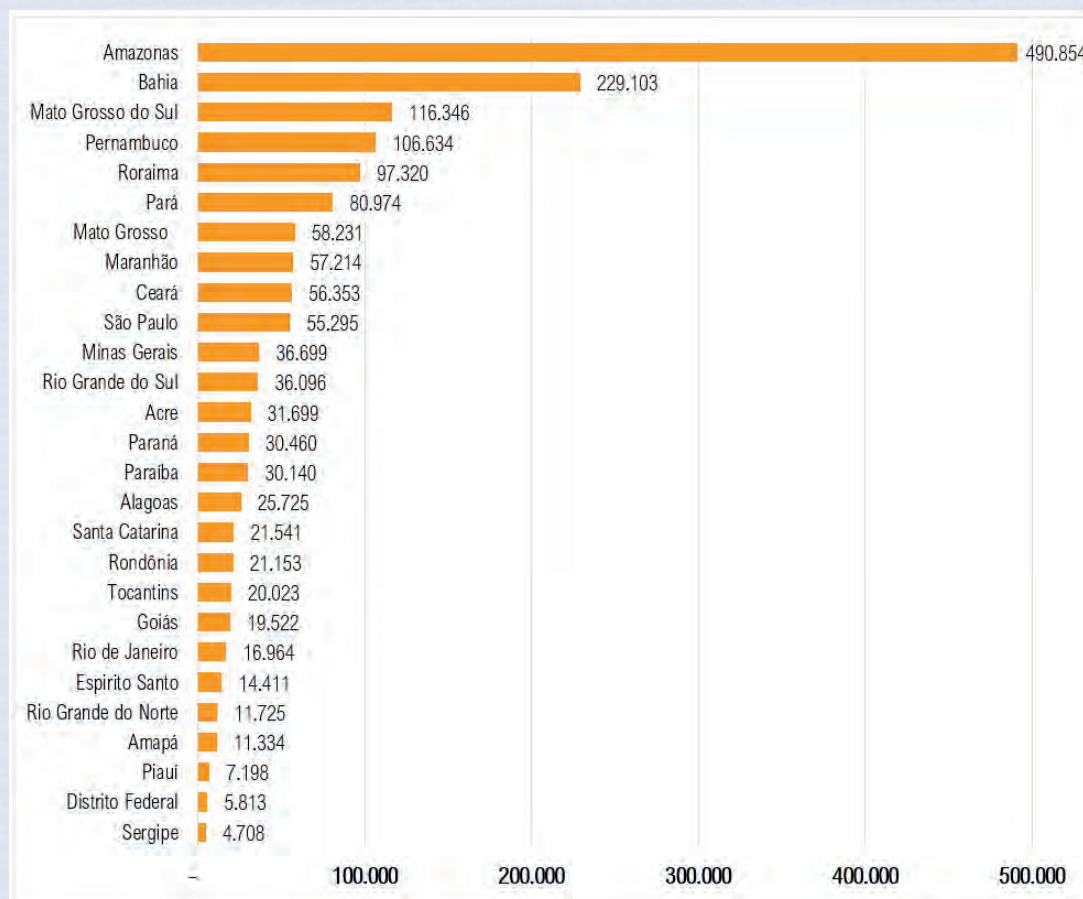
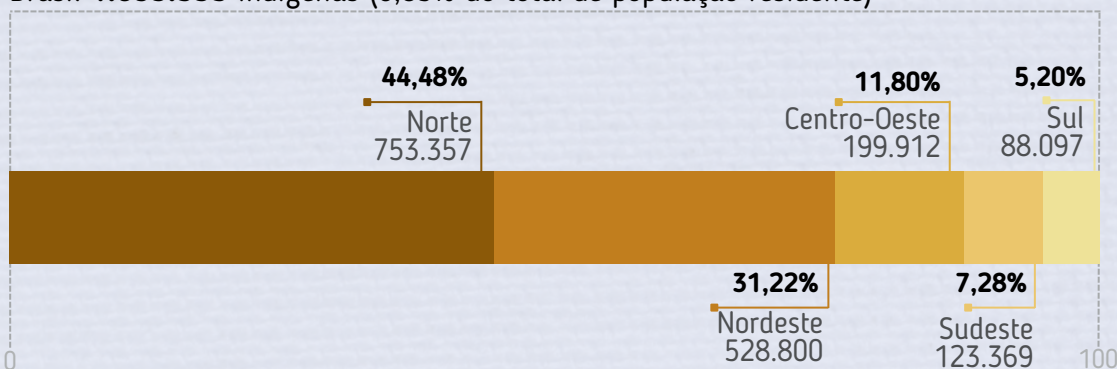
Foto: Petiana Makaya Pupykary. Divulgação autorizada.



POPULAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

Por grandes regiões e unidades da Federação

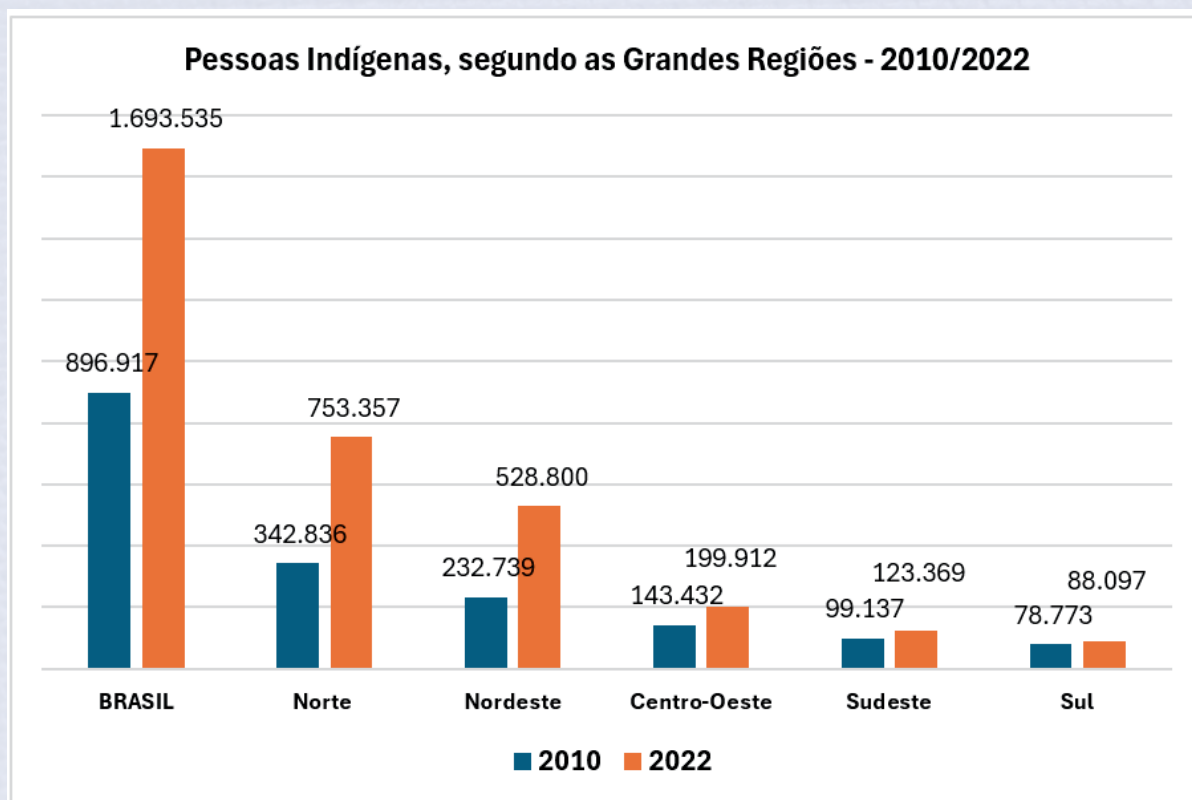
Brasil **1.693.535** indígenas (0,83% do total de população residente)



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022.

O Brasil tem 1.693.535 de pessoas indígenas, o que representa 0,83% do total de habitantes do país, segundo dados do Censo 2022 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta segunda-feira (7/8).

Mais da metade (51,2%) da população indígena está concentrada na Amazônia Legal, região formada pelos estados do Norte, Mato Grosso e parte do Maranhão.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010/2022

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL

As Terras Indígenas são aquelas tradicionalmente ocupadas pelos indígenas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Também são consideradas Terras Indígenas as áreas reservadas destinadas à posse e ocupação pelos indígenas – reservas e parques – e aquelas de domínio das comunidades indígenas, nos termos do artigo 231º da Constituição da República, da Lei n. 6.001, de 1973 – Estatuto do Índio e do Decreto n. 1.775, de 1996.

Para fins de coleta das informações e análises dos resultados do Censo Demográfico 2022, o conjunto das Terras Indígenas oficialmente delimitadas foi formado por aquelas que estavam na situação fundiária de declarada, homologada, regularizada e encaminhada como reserva indígena até a data de 31 de julho de 2022, data de referência da pesquisa, compreendendo 573 terras.

Tabela 1 - Número de Terras Indígenas, segundo a situação fundiária - 2010 e 2022

Situação fundiária	2010	2022
Total (1)	505	573
Regularizada	405	475
Declarada	49	72
Homologada	27	7
Em processo de aquisição com Reserva Indígena	24	19

Fonte: Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI.

Nota: No Censo 2010, contabilizando as terras em estudo e as delimitadas, as Terras Indígenas passam a 687. No Censo 2022, adicionadas as terras em estudo e as delimitadas, o quantitativo total chega a 751 Terras Indígenas.

(1) A Terra Indígena Trocará – Doação foi considerada juntamente à TI Trocará.



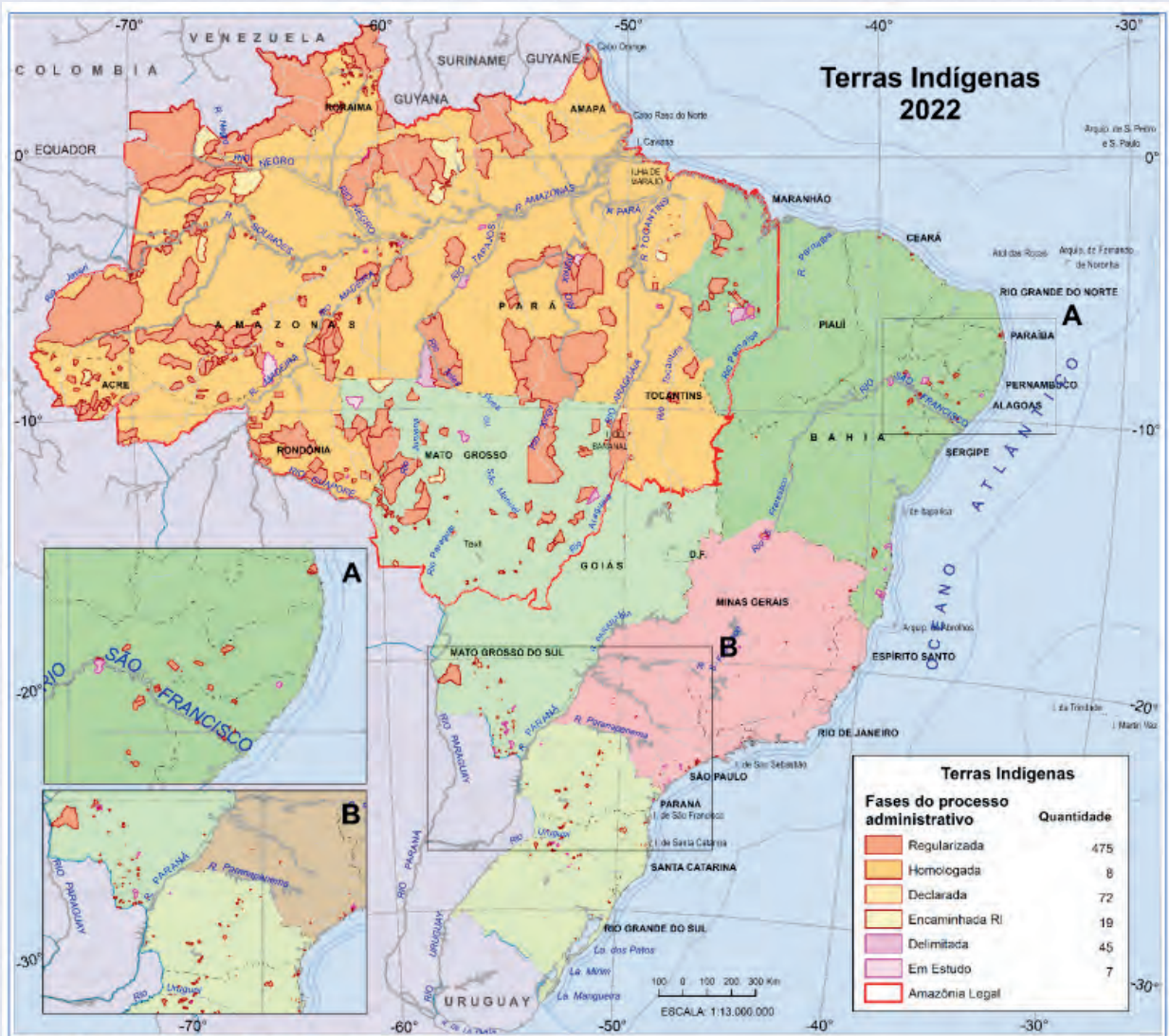
Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada.

O cartograma a seguir apresenta todas as Terras Indígenas Oficialmente Delimitadas em 31 de julho de 2022, destacando-se em tons alaranjados aquelas que foram consideradas para efeito de coleta e divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022.

Considerando-se a diversidade de situações geográficas em que estão inseridos os povos indígenas no Brasil em áreas urbanas e rurais, para fins de coleta e apuração dos dados do Censo 2022, o IBGE identificou um conjunto significativo de localidades indígenas fora das Terras Indígenas oficialmente delimitadas.

Foram identificados 6.245 agrupamentos indígenas no País, sendo 1.023 fora de Terras Indígenas oficialmente delimitadas. Foram definidas também outras localidades indígenas que serviram de referência para a aplicação dos procedimentos diferenciados de coleta junto aos povos indígenas.

Cartograma 1 - Terras Indígenas, por situação fundiária - Brasil - 2022



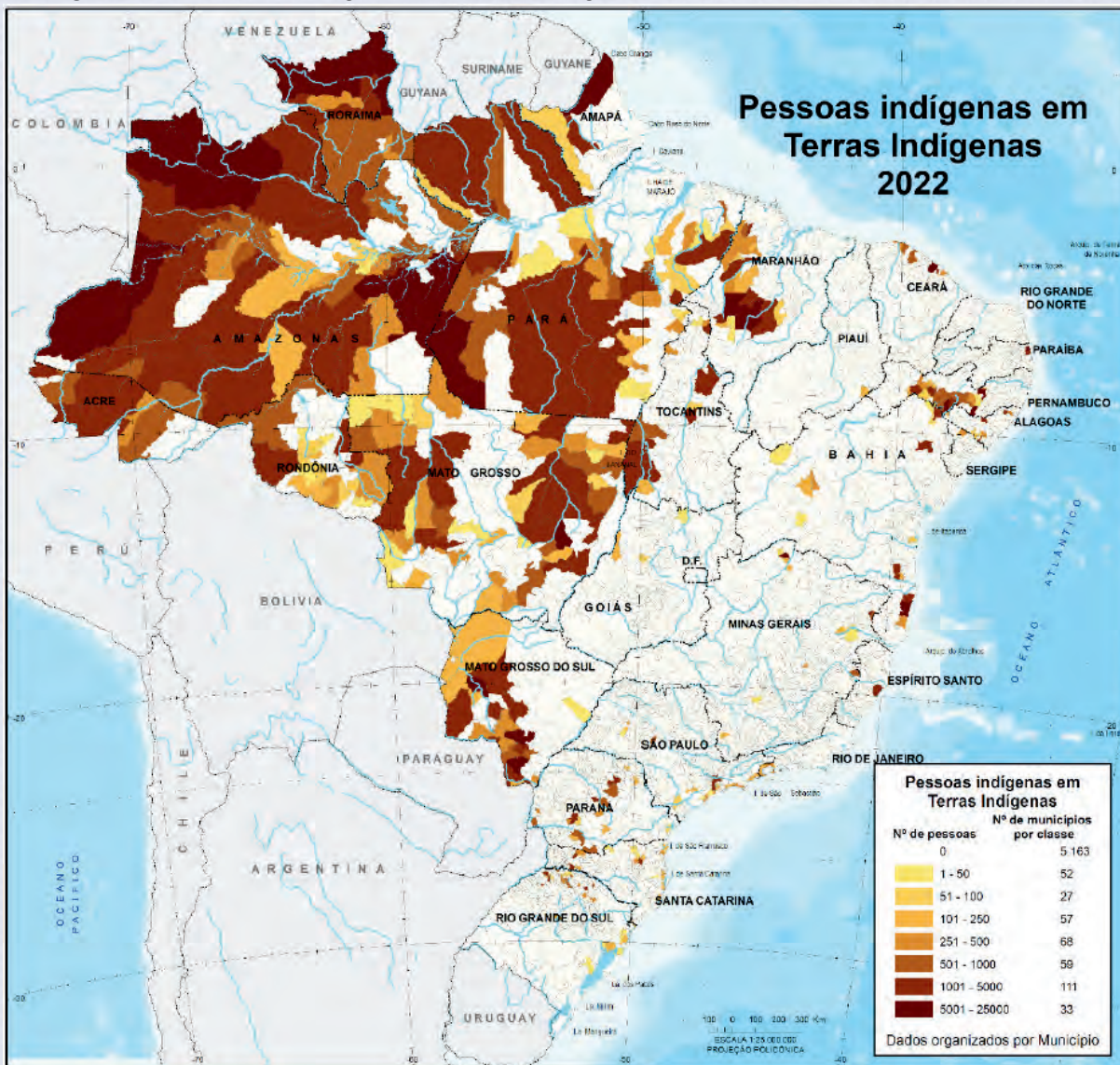
Fonte: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2022.

Quando considerada a totalidade de indígenas vivendo no país, 622,1 mil (36,73%) residem em Terras Indígenas e 1,1 milhão (63,27%) fora delas. Três estados respondem por quase metade (46,46%) das pessoas indígenas vivendo nas Terras Indígenas: Amazonas (149 mil), Roraima (71,4 mil) e Mato Grosso do Sul (68,5 mil).

A Terra Indígena com maior número de habitantes indígenas é a Yanomami (AM/RR), com 27,1 mil. Raposa Serra do Sol (RR) vem a seguir, com 26,1 mil indígenas, e Évare I (AM), com 20,1 mil, aparece em terceiro lugar.

Pessoas Indígenas em Terras Indígenas por município - Brasil - 2022

Cartograma 2 - Pessoas Indígenas em Terras Indígenas por município - Brasil - 2022



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

REGIÕES

A maior parte dos indígenas do país (44,48%) está concentrada na região Norte, que abriga 753,3 mil indígenas. Em seguida, está o Nordeste, com 528,8 mil, concentrando 31,22% do total do país. Juntas, as duas regiões respondem por 75,71% desse total. Completam o quadro as regiões Centro-Oeste (11,8% ou 199,9 mil pessoas indígenas), Sudeste (7,28% ou 123,3 mil) e Sul (5,2% ou 88 mil).

Amazonas e Bahia são os estados com maior quantitativo de indígenas: 490,9 mil e 229,1 mil, respectivamente. Somados, eles concentram 42,51% da população indígena do país. Na sequência dos estados que mais têm indígenas, estão Mato Grosso do Sul (116,3 mil), Pernambuco (106,6 mil) e Roraima (97,3 mil).

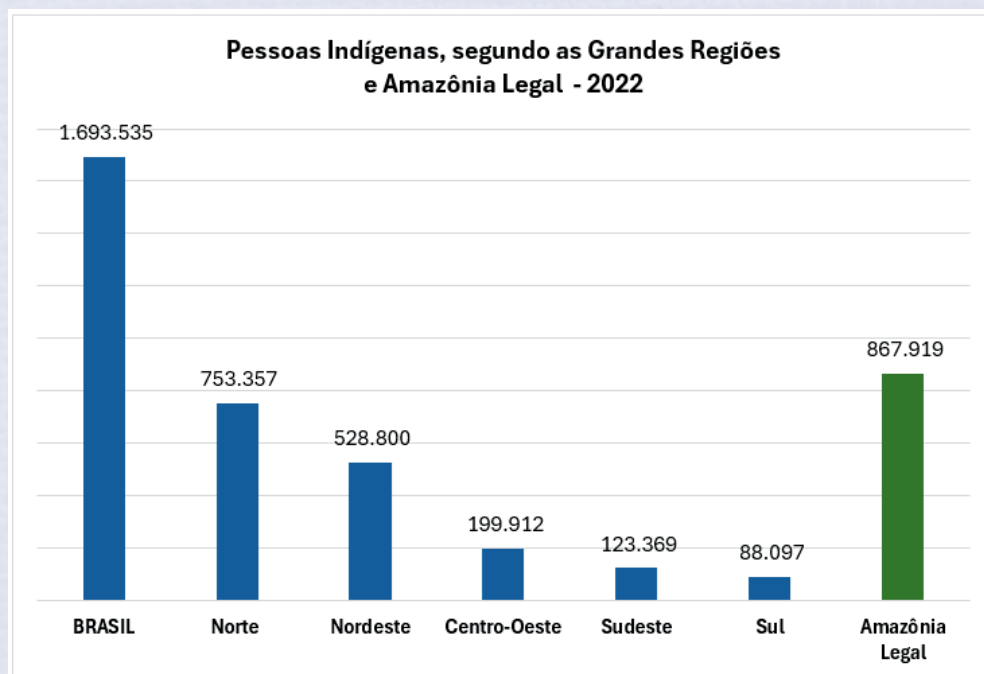
Quanto às cidades, 4.832 têm moradores indígenas, o que representa 86,7% do total de cidades do país. As três com o maior número de indígenas são do Amazonas: a capital, Manaus, com o total de 71,7 mil pessoas, São Gabriel da Cachoeira, com 48,3 mil, e Tabatinga, com 34,5 mil.

AMAZÔNIA LEGAL

Foram contadas 867.919 pessoas indígenas nos municípios da Amazônia Legal, o que representa 3,26% da população residente total da região, sendo 51,25% do total da população indígena residente no Brasil.

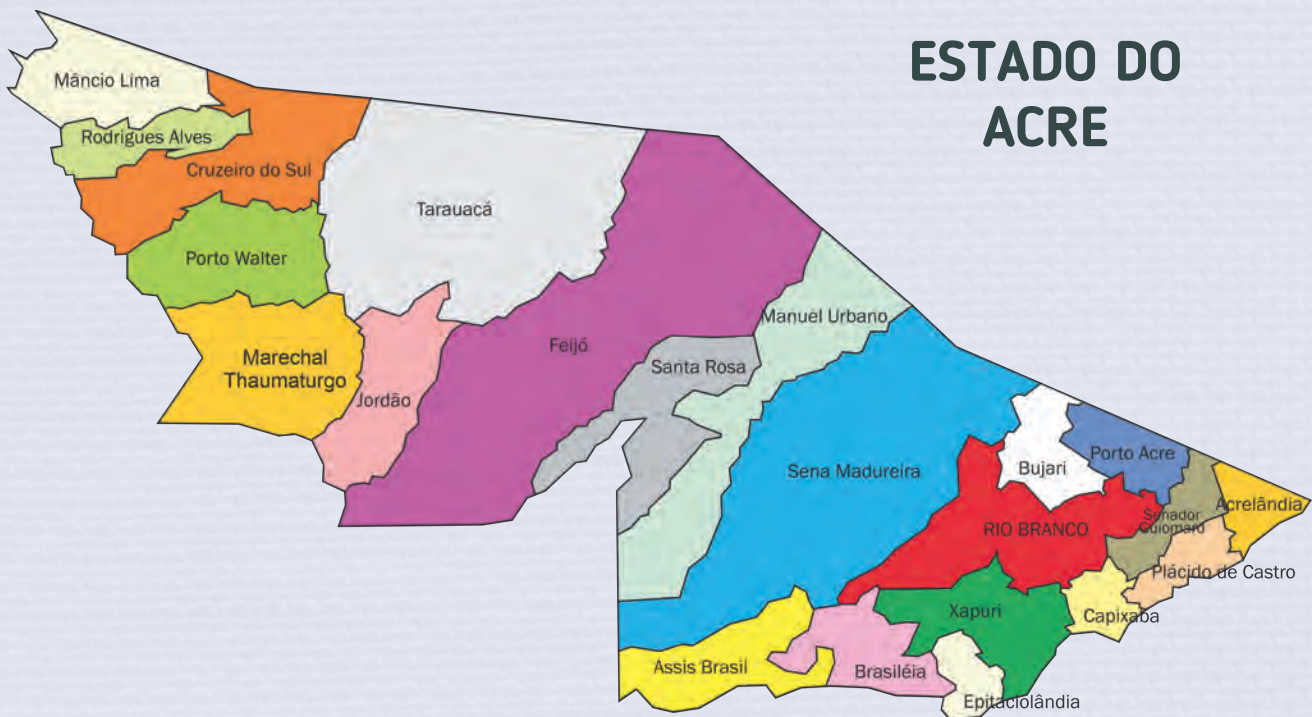
Na Amazônia Legal, foram recenseados 403.287 indígenas residindo em Terras Indígenas, o que representa 64,83% da população indígena nacional residindo em terras indígenas.

A presença da população indígena residente na Amazônia Legal nos territórios oficialmente delimitados é superior ao quadro nacional: enquanto na Amazônia Legal 46,47% da população indígena reside em Terras Indígenas, para o conjunto do país, esse percentual é de 36,73%.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

ESTADO DO ACRE



Acre - População indígena total, por localização do domicílio e sexo

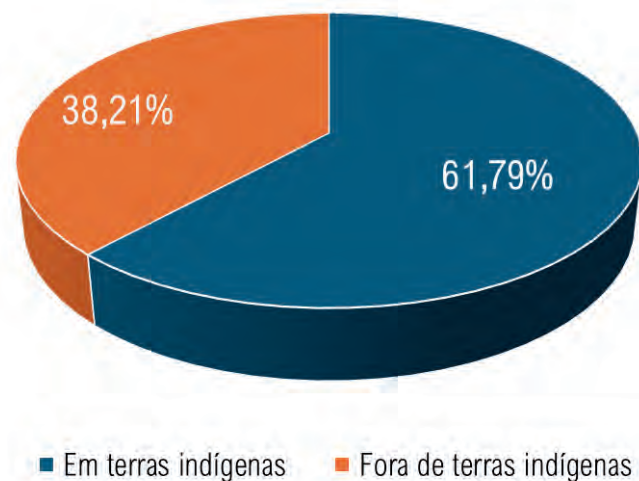
LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Total	31.694	15.987	15.707
Em terras indígenas	19.583	10.108	9.475
Fora de terras indígenas	12.111	5.879	6.232

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

No Acre, a população residente nas Terras Indígenas é de 19.832, sendo 19.588 (98,77%) indígenas e 244 (1,2%) não indígenas.

Do conjunto de indígenas, 19.588 (61,79%) residem em Terras Indígenas e 12.111 (38,21%) fora delas.

População Indígena no Acre, por localização do domicílio



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

ESTADO DO ACRE

Pessoas residentes em terras indígenas no estado do ACRE - 2010 e 2022

Código da TI	Nome da Terra Indígena	2010		2022	
		População Residentes	Pessoas Indígenas	População Residente	Pessoas Indígenas
1209482	Alto Rio Purus - AC	2 459	2 449	3 144	3 129
1209644	Alto Tarauacá – AC	0	0	3	X
1209490	Arara do Igarapé Humaitá – AC	493	493	658	654
1250671	Arara do Rio Amônia – AC	407	346	437	429
1209504	Cabeceira do Rio Acre – AC	247	245	377	377
1209423	Campinas/Katukina – AC	613	613	703	682
1209385	Igarapé do Caucho – AC	395	386	852	850
1250011	Jaminaua/Envira – AC	77	77	213	213
1250010	Jaminawa Arara do Rio Bage – AC	195	195	225	223
1250013	Jaminawa do Igarapé Preto – AC	173	171	215	189
1250012	Kampa do Igarapé Primavera – AC	26	26	48	X
1209555	Kampa do Rio Amônia – AC	414	414	877	867
1209563	Kampa e Isolados do Rio Envira – AC	71	71	240	240
1209431	Katukina/Kaxinawá – AC	1 260	1 259	1777	1 679
1209580	Kaxinawá Ashaninka do Rio Breu – AC	503	503	712	712
1209571	Kaxinawá Colônia Vinte e Sete – AC	114	114	91	91
1205009	Kaxinawá da Praia do Carapanã – AC	573	571	805	804
1250014	Kaxinawá do Baixo Rio Jordão – AC	172	172	554	554
1209458	Kaxinawá do Rio Humaitá – AC	331	331	484	476
1209393	Kaxinawá do Rio Jordão - AC	1 471	1 471	2 220	2 220
1209440	Kaxinawá Nova Olinda – AC	417	406	477	468
1250015	Kaxinawá Seringal Independência – AC	209	209	390	390
1208184	Kulina do Médio Juruá - AC	0	0	-	-
1209407	Kulina do Rio Envira – AC	166	166	294	294
1209598	Kulina Igarapé do Pau – AC	277	270	124	124
1209415	Mamoadate – AC	776	763	1 333	1 330
1209474	Nukini – AC	420	420	592	574
1209610	Poyanawa – AC	558	555	743	735
1209466	Rio Gregório – AC	511	511	618	616
1250799	Rio Gregório - AC (1)	Indisponível	Indisponível	348	343
1250455	Riozinho do Alto Envira - AC	101	101	278	277

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

População indígena por localização do domicílio - ACRE e municípios

UF e Município	LOCALIZAÇÃO DO DOMICILIO			POPULAÇÃO	
	Total	Em terras indígenas	Fora de terras indígenas	Geral	% indígena
ACRE	31.699	19.588	12.111	830.026	3,82%
Acrelândia	30	-	30	14.021	0,21%
Assis Brasil	1.207	741	466	8.100	14,90%
Brasiléia	282	-	282	26.000	1,08%
Bujari	30	-	30	12.917	0,23%
Capixaba	7	-	7	10.392	0,07%
Cruzeiro do Sul	1.678	871	807	91.888	1,83%
Epitaciolândia	26	-	26	18.757	0,14%
Feijó	4.436	3.761	675	35.426	12,52%
Jordão	4.115	3.276	839	9222	44,62%
Mâncio Lima	2.827	1.309	1.518	19.300	14,65%
Manoel Urbano	962	500	462	11.996	8,02%
Marechal Thaumaturgo	3.355	2.119	1.236	17.093	19,63%
Plácido de Castro	52	-	52	16.560	0,31%
Porto Acre	82	-	82	10.735	0,76%
Porto Walter	868	654	214	364.756	0,24%
Rio Branco	1.827	-	1.827	14.938	12,23%
Rodrigues Alves	85	-	85	6.723	1,26%
Santa Rosa do Purus	4.297	2.639	1.658	21.453	20,03%
Senador Guiomard	34	-	34	41.349	0,08%
Sena Madureira	1.681	966	715	43.464	3,87%
Tarauacá	3.775	2.752	1.023	18.243	20,69%
Xapuri	43	-	43	16.693	0,26%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

Destaca-se que a população residente em terras indígenas apresenta concentração em três municípios que, juntos, respondem por 49,97% (9.789) das pessoas indígenas em Terras Indígenas nos municípios. São eles: Feijó, com 3.761, Jordão, com 3.276 e Tarauacá, com 2.752 pessoas indígenas residentes em Terras Indígenas.

ETNIAS DO ESTADO DO ACRE

17 etnias indígenas (mais os povos isolados):
 Jaminawa, Manchineri, Huni kuin, Kulina,
 Ashaninka, Shanenawá, Jaminawa Arara, Apolima
 Arara, Shawādawa, Puyanawa, Nukini, Nawa,
 Kuntanawa, Yawanawa, Katukina, Yura (contato
 desde 2014), Sharanawa, Povos isolados.

Sul do Amazonas (Boca do Acre)
 Apurinã

TRONCO LINGUÍSTICO ARUAK

Apurinã, Manchineri, Ashaninka

TRONCO LINGUÍSTICO PANO

Huni Kuin, Shanenawa, Yawanawá, Katukina,
 Jaminawa-Arara, Apolima-Arara, Shawādawa,
 Puyanawa, Nukini, Nawa, Jaminawa e os
 “isolados”

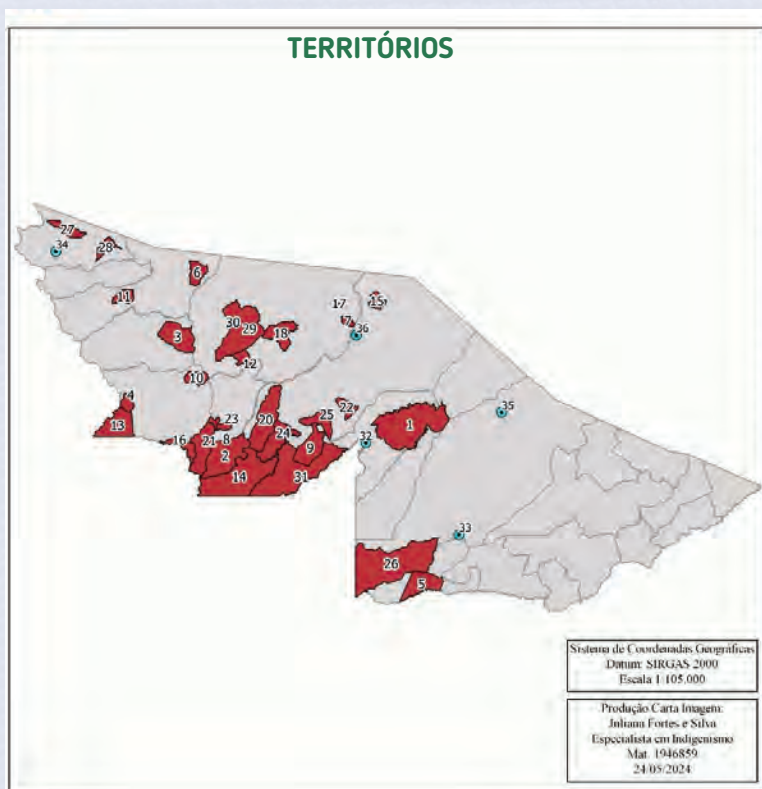
TRONCO LINGUÍSTICO ARAWÁ

Kulina



Foto: Petiano Ximery Apurinã. Divulgação autorizada.

**3,82% da população do Acre é indígena,
 distribuída entre 17 povos identificados.**



Fonte: Ministério dos povos indígenas - Funai - Alto Purus

ID	Nome TI	Nome Povo	Fase TI	Coordenação Regional
1	Alto Rio Purus	Kaxinawá, Kulina	Regularizada	Alto Purus
2	Alto Tamacá	Isolados	Regularizada	Juruá
3	Arara do Igarapé Humaitá	Arara do Acre	Regularizada	Juruá
4	Arara do Rio Amônia	Arara do Acre	Homologada	Juruá
5	Cabeceira do Rio Acre	Jaminawa	Regularizada	Alto Purus
6	Campina/Katukina	Katukina	Regularizada	Juruá
7	Igarapé do Cauchô	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
8	Igarapé Tiboca do Alto Tamacá	Isolados	Em Estudo	Juruá
9	Jaminawa Envira	Kulina Madijá	Regularizada	Juruá
10	Jaminawa Arara do Rio Bagé	Jaminawa, Arara do Acre	Regularizada	Juruá
11	Jaminawa do Igarapé Preto	Jaminawa	Regularizada	Juruá
12	Kampa do Igarapé Primavera	Ashaninka	Regularizada	Juruá
13	Kampa do Ilhé Ambeta	Ashaninka	Regularizada	Juruá
14	Kampa e Isolados do Rio Envira	Ashaninka	Regularizada	Juruá
15	Katukina/Kaxinawá	Kaxinawá, Katukina	Regularizada	Juruá
16	Kaxinawá Ashaninka do Rio Beni	Kaxinawá, Ashaninka	Regularizada	Juruá
17	Kaxinawá Colônia Vinte e Sete	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
18	Kaxinawá da Praia do Carapanã	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
19	Kaxinawá do Baixo Rio Jordão	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
20	Kaxinawá do Rio Humaitá	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
21	Kaxinawá do Rio Jordão	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
22	Kaxinawá Nova Olinda	Kaxinawá	Regularizada	Juruá
23	Kaxinawá Seringal Independência	Kaxinawá	Lancaminhada RI	Juruá
24	Kulina do Rio Envira	Kaxinawá, Kulina	Regularizada	Juruá
25	Kulina Igarapé do Pau	Kulina Plano	Regularizada	Juruá
26	Marmoadite	Manchineri, Jaminawa	Regularizada	Alto Purus
27	Nukini	Nukini	Regularizada	Juruá
28	Puyanawa	Puyanawa	Regularizada	Juruá
29	Rio Gregório	Katukina, Yawanawá	Regularizada	Juruá
30	Rio Gregório	Katukina, Yawanawá	Declamada	Juruá
31	Riozinho do Alto Envira	Isolados	Homologada	Juruá
32	Estreito	Kulina, Jaminawa	Em Estudo	Alto Purus
33	Riozinho do Inero	Manchineri, Jaminawa	Em Estudo	Alto Purus
34	Nawa	Nawa	Em Estudo	Juruá
35	Jaminawa do Rio Cuete	Jaminawa	Em Estudo	Alto Purus
36	Kaxinawá do Seringal Curralinho	Kaxinawá	Em Estudo	Juruá

Povos Indígenas



APURINÃ

SHANENAWA

XOKO

KAXINAWÁ ou HUNI KUIN

MANCHINERI

PUYANAWA



APURINÃ



Por:

Alvaro Ferreira de Moura Apurinã
Jhonnatan Nascimento Oliveira Apurinã
Ketlen Lima de Souza Apurinã
Paulo Henrique Apurinã

O povo **Apurinã** também se reconhece como **Pupykary** ou **Käkyty**.

A língua Apurinã é uma da família Maipure-Aruak, do ramo Purus.

A língua mais próxima é a dos Manchineri, que habitam a bacia do Alto Purus, em território brasileiro, e o Peru.

Alguns Apurinã afirmam compreender um pouco da língua Kaxarari, em razão de sua saída comunga da terra sagrada, segundo versa sua mitologia.



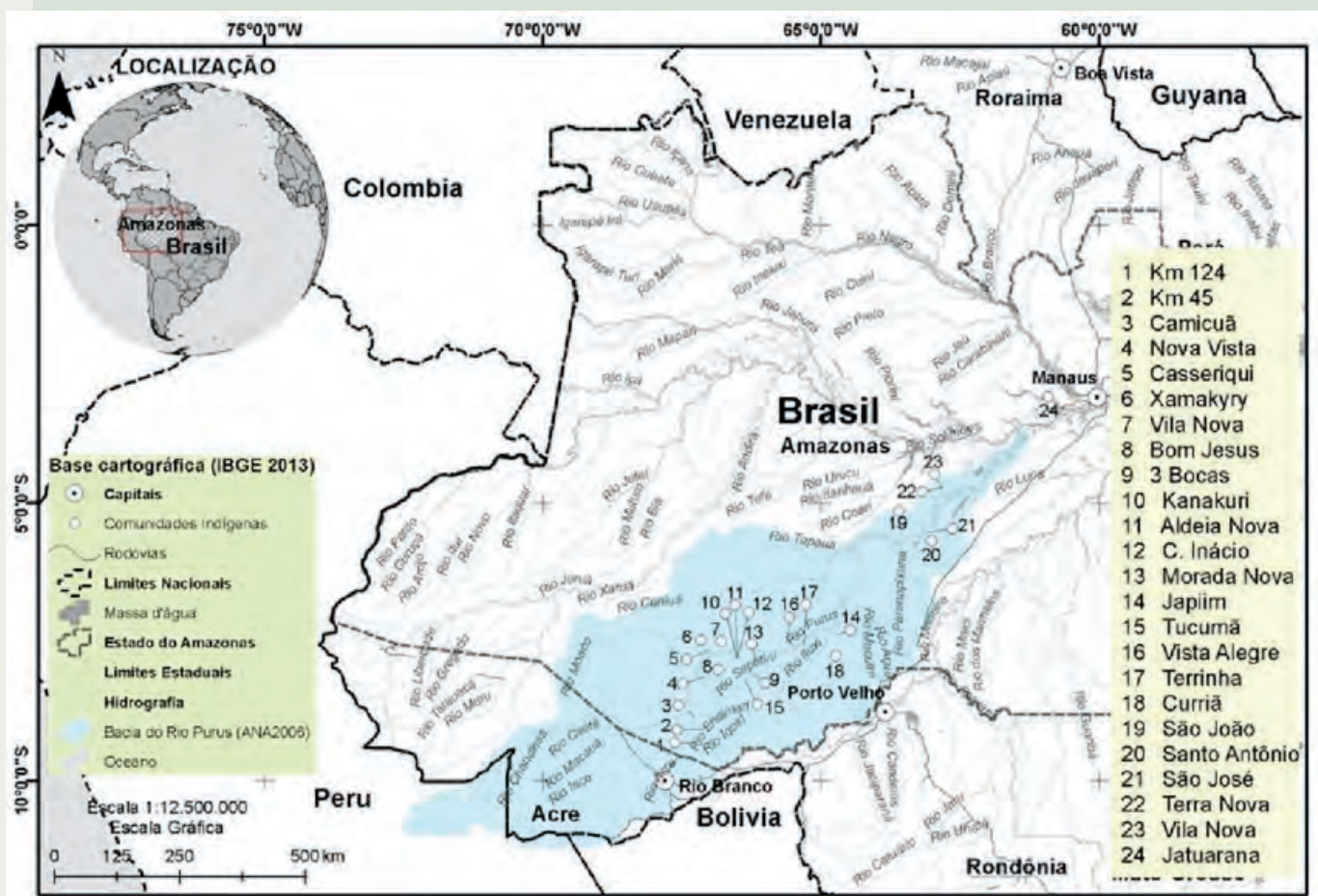
Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

A língua Apurinã é uma da família Maipure-Aruak, do ramo Purus (Facundes, 1994).

TERRITÓRIO

O Povo Apurinã vive em diversas Terras Indígenas. Hoje, seu território se estende do baixo Rio Purus até Rondônia, espalhados nos municípios de: Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Tapauá, Manacapuru, Beruri, Manaquiri, Manicoré (este último na TI Torá), no estado do Amazonas.

Existem indígenas Apurinã morando em várias cidades do país, como na cidade de Rio Branco e numa aldeia na Terra Indígena Roosevelt, do povo Cinta larga, com quem alguns são casados.



Fonte: FACUNDES; LIMA-PADOVANI e FREITAS (no prelo). In: Revista Brasileira de Línguas Indígenas - RBLI. Macapá, v. 2, n. 2, p. 78-91, jul./dez. 2019. DOI: DOI: 10.18468/rbli.2019v2n2.p78-91.

POPULAÇÃO

É difícil estimar o número exato de indígenas Apurinã, porque são muitos e estão espalhados. Segundo a Fundação Nacional da Saúde - FUNASA, os Apurinã somavam, em novembro de 2003, cerca de 4.057 pessoas. Em 2014, no entanto, segundo a Siasi/Sesai existiam cerca de 9.487 Apurinã.



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

Deve-se considerar ainda que muitos Apurinã moram fora das áreas reconhecidas, em comunidades ribeirinhas ou em cidades, tais: Rio Branco, Manaus, Brasília, Rondônia e até Rio de Janeiro.



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Há, na sociedade Apurinã, uma divisão entre duas metades exogâmicas, as quais são denominadas de Meetymanety e Xuwapurynyry e que também são conhecidas como os guerreiros e os pacificadores.

A primeira metade é tradicionalmente representada pela figura de Kyãty (cobra jiboia) e, a outra, por Waimãnhary (cobra sucuriju).



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

FESTAS E RITUAIS

As festas Apurinã, recebem o nome genérico de **XINGANÉ** e são desde pequenas cantorias noturnas até grandes eventos com participação de muitas aldeias, muita comida, vinho de macaxeira, banana, patauá e combustível.

Em algumas ocasiões, são feitas festas para acalmar a sombra de um morto, na sequência e nos anos seguintes do falecimento.



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada.



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada.

XAMANISMO E AWYRY



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada



Foto: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

PINTURAS



Fotos: Acervo do Povo Apurinã. Divulgação autorizada

HUNI KUIN



Por:

Clécio Ferreira Nunes Huni Kuin

Ernizia Borges Sereno Kaxinawá

Wardeson Rodrigues Domingos Kaxinawá

Nome do povo:

Huni Kuĩ ou **Huni Kuin** (Kaxinawá)

Huni Kuĩ [Kuin] - é o próprio povo, somos nós mesmos.

Huni - é a denominação de ‘homem’, ‘gente’

Kuĩ [Kuin] - é esse mesmo, é o verdadeiro.

Kaxinawá veio do contatos entre nós. Os parentes sempre têm esse costume de ver alguém com aquela característica de roupa, de alimentação, de cultura, de língua - “Então se fazem isso é o povo tal” - aí eles nos deram esse nome: Kaxinawá.

Kaxi é morcego e **Nawaé** povo.



Foto: Acervo do Grupo PET. Divulgação autorizada.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

SOBRE O NOME

Duas versões da história:

1. Nos deram esse nome porque o nosso povo comia os parentes mortos, não todo mundo, mas alguns. Então quem suga sangue, come carne, é morcego, é KAXI.

2. Em algum momento os Huni Kuin estavam matando morcego quando alguém de outro povo chegou e começou a fazer pergunta. Ele respondeu que estava matando morcego, KAXI. Assim, o indivíduo entendeu que era o nome do povo e falou: ‘Então deve ser Kaxinawá’. Esse nome ficou como um registro.

Atualmente Kaxinawá é um nome pejorativo. Por isso, somos Huni Kuin.

HUNI KUIN

É o próprio povo, somos nós mesmos.

HUNI

é a denominação de ‘homem’, ‘gente’

KUIN

é esse mesmo, é o verdadeiro.

KAXINAWÁ veio do contato entre nós. Os parentes sempre têm esse costume de ver alguém com aquela característica de roupa, de alimentação, de cultura, de língua – “Então se fazem isso é o povo tal” – aí nos deram esse nome: KAXINAWÁ.

KAXI é morcego e NAWA é povo.



Foto: Bismani Huni Kuin. Divulgação autorizada.

ASPECTOS DA HISTÓRIA

Os mais velhos contam que antes moravam em um shubuwã [casa de moradia coletiva] na beira de um rio largo que tinha o nome de: **Kushu pu inia**.

Kushu é uma ave, o kujubim. Ela não conseguia atravessar o rio, quando já ia chegando do outro lado, caía. Por isso, deram ao rio o nome de Kushu pu inia. Este rio é, provavelmente, o Amazonas, o Solimões ou o Ucayali. O Povo Huni Kuin começou a subir os rios até chegar no Acre. Até essa época, conviviam todos juntos, mesmo fugindo.

Surgiram outros problemas: mataram um seringalista chamado Patrício e a partir desse fato o Povo começou a se dividir pelos vários rios, pois acreditavam que seriam atacados pelos parentes dele (Patrício morto). Assim, o Povo teve que fugir para não ser morto e com isso se dispersou.

Um grupo foi para o rio Jordão, na cabeceira do rio Tarauacá. Outros ficaram no rio Envira. Outros foram para o Muru. Outros para o rio Purus e um Grupo foi até a cabeceira do rio Curanja. Estes últimos encontraram outros invasores, os caucheiros, começaram a trabalhar e hoje ainda vivem lá.

Eles são considerados peruanos, pois moram no Peru, mas são Huni Kuin como os que habitam o Acre. Ambos, embora vivam em países diferentes, falam a mesma língua, têm a mesma cultura e fazem as mesmas músicas.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Divulgação autorizada.

LÍNGUA

Terras onde a maioria dos indígenas
Hãtxa Kuin: a língua verdadeira

LOCALIDADE	POPULAÇÃO
Rio Jordão	2.419
Seringal Independência	515
Rio Breu	545
Alto Purus	2.837
Carapanã	602
Total	6.927

Fonte: Acervo PET CONEXÕES E SABERES: Comunidades Indígenas - UFAC

Terras indígenas onde falam a língua **Hãtxa Kuin**,
embora sofram a pressão da Língua Portuguesa

LOCALIDADE	POPULAÇÃO
Tarauacá	1.754
Jordão	2.934
Marechal Thaumaturgo	554
Feijó	2.331
Santa Rosa	3.300
Total	11.969

Fonte: Acervo PET CONEXÕES E SABERES: Comunidades Indígenas - UFAC

TERRITÓRIO E POPULAÇÃO

Nome do povo: Huni Kuin ou Huni Kuin (Kaxinawá)

Tronco linguístico: Pano

População:

14.000 no Brasil (Federação do Povo Huni Kuĩ do Estado do Acre – FEPHAC)

2.419 no Peru (INEI, 2007)

Municípios:

Feijó, Tarauacá, Jordão, Marechal Thaumaturgo e Santa Rosa



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Divulgação autorizada.

FESTAS E RITUAIS

As festas e rituais do povo Huni Kuin estão profundamente enraizadas em sua cosmologia e tradições ancestrais, refletindo uma rica herança cultural.

Uma das celebrações mais importantes é o **Ritual do Nixi Pae**, uma cerimônia sagrada que envolve o consumo de Ayahuasca, uma bebida feita a partir da combinação da videira *Banisteriopsis caapi* com várias outras plantas. Esse ritual é conduzido por Xamãs e é visto como um meio de cura, autoconhecimento e conexão espiritual. Durante a cerimônia os participantes cantam músicas tradicionais para invocar os espíritos da floresta, buscando orientação e sabedoria.

Outra festividade significativa é a **Festa do Cauim**, uma celebração coletiva que envolve a produção e o consumo de uma bebida fermentada feita com a mandioca. Essa festa é uma oportunidade para reforçar os laços comunitários, onde homens, mulheres e crianças participam de danças, músicas e narrativas orais. As danças são acompanhadas por tambores e maracás, instrumentos tradicionais que marcam o ritmo e a cadência dos movimentos. Esses rituais e celebrações são fundamentais para a manutenção da identidade cultural dos Huni Kuin, proporcionando um espaço para a transmissão de conhecimentos tradicionais e a reafirmação dos valores comunitários.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Divulgação autorizada.



Foto: Siã Huni Kuin. Divulgação autorizada.



Foto: Bismani Huni Kuin. Divulgação autorizada



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Buzina do Povo Huni Kuin. Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Medicina do rapé durante a cerimônia com Ayawaska. Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Peixe na folha e banana cozida. Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Nixí paē (chá pronto) (Na língua portuguesa: ayawaska, daime, mariri). Divulgação autorizada.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação escolar do povo Huni Kuin se caracteriza como um processo que integra o conhecimento tradicional e os saberes ocidentais, buscando fortalecer a identidade cultural e a autonomia da comunidade. Nas escolas indígenas Huni Kuin, o currículo é adaptado para incluir a língua materna, o hãtxa kuĩ, além do português, promovendo o bilinguismo. Os conteúdos escolares são elaborados de maneira a respeitar e valorizar as tradições, a história e a cosmologia do povo Huni Kuin, incorporando conhecimentos sobre plantas medicinais, práticas agrícolas, mitologia e artesanato.

Os professores, frequentemente membros da própria comunidade, desempenham um papel crucial na abordagem desses saberes, atuando como articulares entre os mundos tradicional e contemporâneo. A educação escolar indígena Huni Kuin contempla também a realização de práticas pedagógicas que promovem a oralidade, as narrativas e as vivências práticas da vida cotidiana. Esse modelo educativo visa não só preparar os jovens para a vida moderna, mas também assegurar a continuidade e a valorização da cultura Huni Kuin, fortalecendo os laços comunitários e a identidade étnica.



Foto: Petiana Ernizia Kaxinawá. Escola Indígena na Aldeia Jacobina I. Divulgação autorizada.

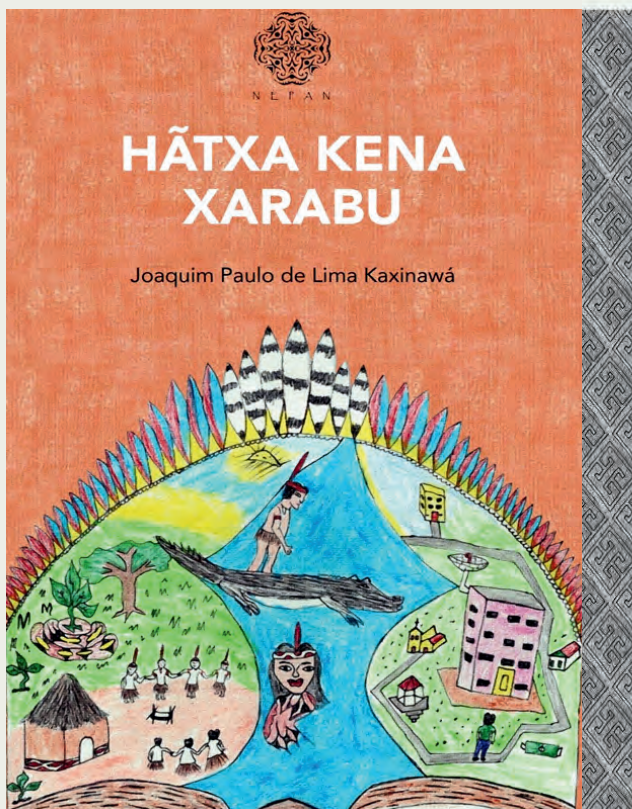
Produções em Haxta Kuin



O "Manual das Crianças Huni Kuĩ" é uma coletânea que retrata o cotidiano das crianças Huni Kuĩ na Terra Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá, no Acre, quase na fronteira com o Peru. No livro, as crianças compartilham histórias, brincadeiras, sua língua, e aspectos da vida na aldeia, proporcionando uma visão autêntica e envolvente sobre sua cultura.

Para mais informações:

<https://vimeo.com/channels/hunikuin/videos>



Yui tee ikaina

Enabū, na kena xarabu eskarabes kene kinā, habia uĩtã ana unuri betsa xarabu há ē akama ixiā xinātā, mā ashanai uĩra shākawē. Nukū hãtxawē kenerā harabes makirā. Narā habia ē matu taewa shuxinaki, hanushū unuri retxi bāi shākawē. Habia matu xināma katsi besti ē taewa xinakirā.

Haska wakinā habianua, kena xarabu uĩtā, meni kaini inū, hatu meniwati xināki ē matu taewa shūxinaki uĩra kawē. Haska wakinā, habia nukū hãtxawē na eskatiā, meni inū, hatu yusiti xinā birāki nū yui misbukē ē taewa xinakirā.

Haska xarabu xinātā nū keneabumarā, hawa nū hatu yusi tirumaki, una shubu merāshunā. Nawana besti hatu yuimaki, bari hatu kapukema tātakinā, nukuna ana hãtxai peama inū, ana keyu xināma ibirā kani kiki. Haskaya na unuri habia kenewē nū hatu yusi katsis ikairā, habia nukū beya xarabu unaki tsamitā hatu abiranaki, nukū hãtxawē hatu beru keneyawa birākinā.

Ma huni yusinā akū itxa tākani kiki, habuwā nawana inū, nukū hãtxa inū, nukū beya xarabu hatu yusiti kiakirā. Haska biarā, hatiri yusinānā, nukū beya inū, nukū hãtxarā, meni kaya bumaki, nawana besti meni xinabuki.

Haskakē na unuri, habia rabe yumebu yusi katsirā, meni katsis ikani kiki; hãtxa kaya meni inū, hãtxa kenea menirā. Haska meniamarā, haskatā huni yusinā timaki.

Hãtxa Kena Xarabu

ATIVIDADES PRODUTIVAS

Mulheres Huni Kuin produzindo artesanatos

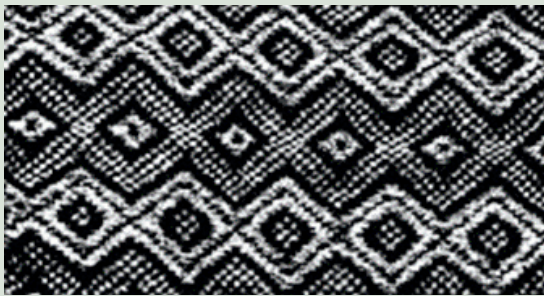
Artesanato, como a confecção de cestos, tecidos e adornos é uma atividade produtiva significativa, não só para uso próprio, mas também para a geração de renda por meio da comercialização desses produtos em mercados locais e urbanos.



Fotos: Bismani Huni Kuin. Divulgação autorizada.

KENE KUIN

São os “desenhos verdadeiros” e representam uma parte intrínseca da identidade do povo Huni Kuin

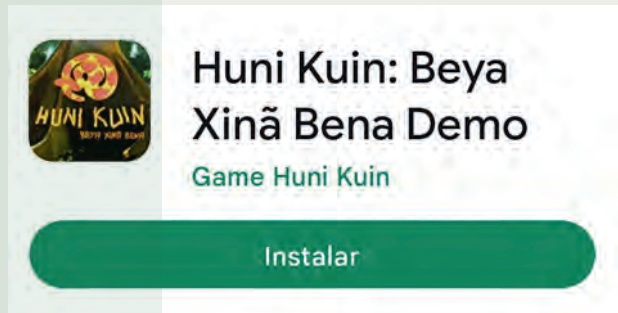


Os Kene Kuin estão presentes em todas as manifestações artísticas e também nos artefatos tradicionais dos Huni Kuĩ. Inscritos nas vestimentas, cerâmicas, tecelagens, adornos e nas pinturas corporais, os grafismos representam uma estética única e totalmente conectada com a cosmologia e com a história do povo.



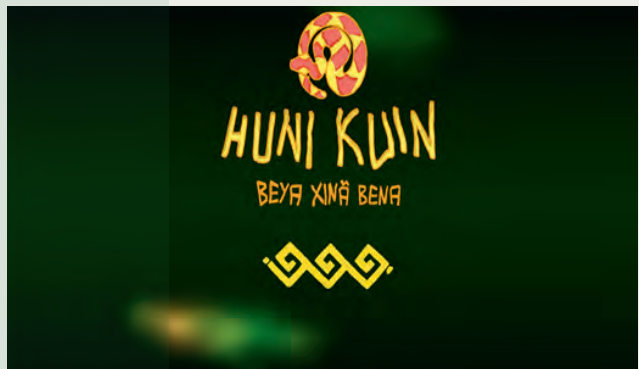
Foto: Petiana Ernizia Kaxinawá. Divulgação autorizada.

Centro cultural: o famoso **Shubuã** onde são realizadas reuniões, festas, encontros e oficinas



"Os Caminhos da Jiboia" é uma aventura que surge a partir do sonho de um pajé que narra os rumos e desafios de um jovem indígena para se formar um Huni Kuĩ completo, uma "gente verdadeira", ao conhecer os mitos e histórias da cultura de seu povo.

Para o levantamento de material e dos pressupostos para o game, foram realizadas oficinas de gravação de histórias, com os pajés, de desenhos e de cantos.



Link do vídeo: <https://vimeo.com/134259062>

MANCHINERI



Por:

*Ângela Nunes Silva Manchinery
Elcio Severino da Silva Filho Manchineri
Francisco Batista da Silva Manchineri
Quéren Souza de Castro Manchineri
Ruwi Costa Silva Manchineri
Wuriu Costa Silva Manchineri*

Manchinery = Maxineru = “Povo da árvore Tamamuri”

Povo Mascho Piro, são os povos indígenas da Amazônia Peruana que compartilham o mesmo dialeto (Yine) com os Manchineris do Brasil. Além do idioma, compartilham também o sistema sócio cosmológico.

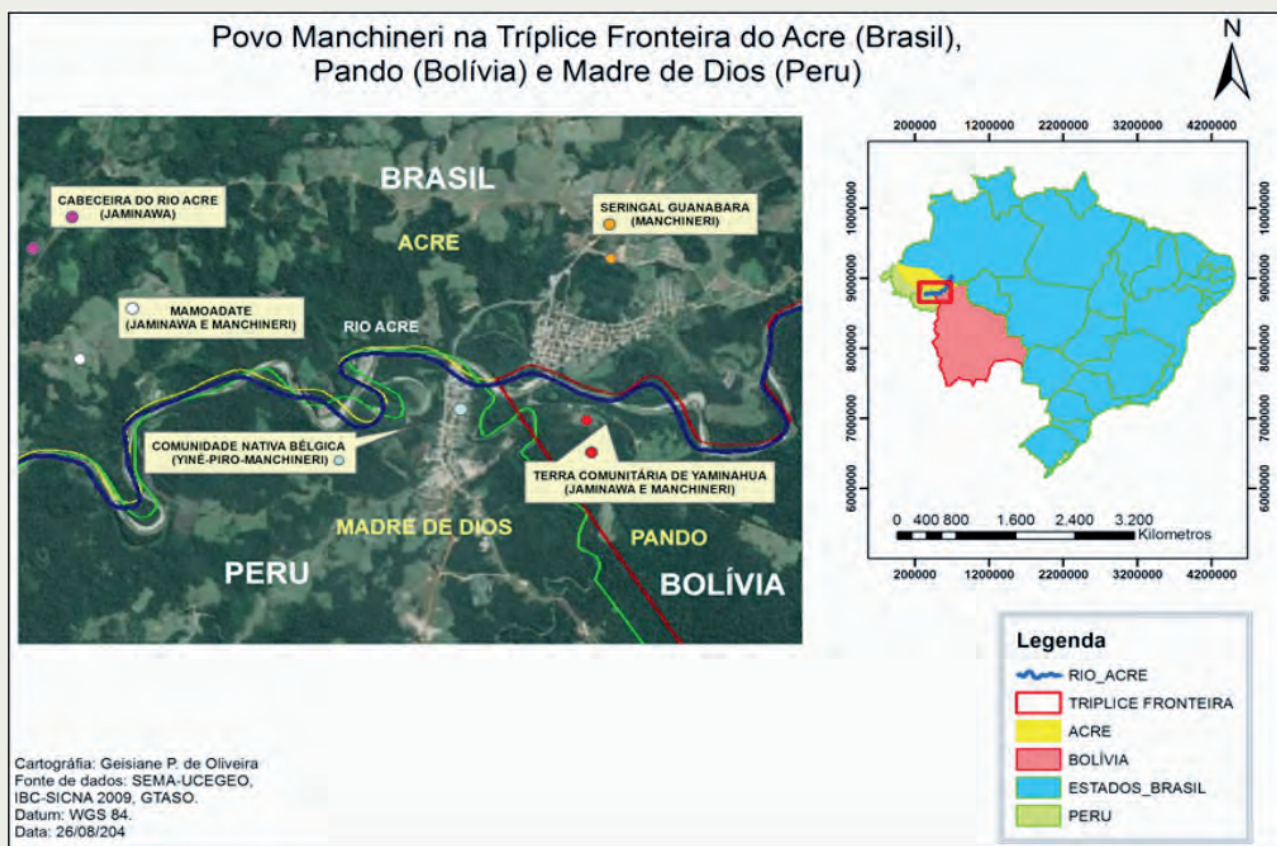
Divisão dos Manchineris

- a) Manxineru (Povo da árvore Tamamuri);
- b) Koshichineru (Povo do Pássaro Pequeno);
- c) Nanchineru (Povo Faminto);
- d) Getuneru (Povo do Sapo);
- e) Gimnumero (Povo da Cobra).



Foto: Petiano Wuriu Manchineri. Divulgação autorizada.

TERRITÓRIO



Fonte: Valcuende, 2009, organizado por Manchineri (2018).

Povo Manchineri na Tríplice Fronteira do Acre (Brasil), Pando (Bolívia) e Madre de Dios (Peru)

Os Manchineri ocupam, atualmente, uma parte da Região Sul do estado do Acre no Brasil e outros pontos no Peru e Bolívia.

Em território brasileiro, os Manchineri são hoje um povo que se encontra dividido entre as Terras Indígenas Mamoadate e do Seringal Guanabara que ficam situados no município de Assis Brasil. Os Manchineri também podem ser encontrados no município de Sena Madureira.

Além disso, as Terras Indígenas são “territórios de ocupação tradicional”, bens da União, reconhecida aos Povos a posse permanente e o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

A Terra Indígena Mamoadate, já reconhecida oficialmente, compreende dois povos indígenas - Manchineri e Yaminawá. A Terra Indígena de Seringal Guanabara, ainda em fase de identificação, abriga apenas o povo Manchineri.

POPULAÇÃO

Povo Manchineri na zona da Trílice Fronteira

TERRA INDÍGENA/POVO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	MUNICÍPIO	SITUAÇÃO
Cabeceira do Rio Acre (Manchineri/Jaminawa)	343	78.513	Assis Brasil	Regularizada
Mamoadate (Manchineri/Jaminawa)	576	313.646	Sena Madureira / Assis Brasil	Registrada
Seringal Guanabara (Manchineri)	92	-	Assis Brasil	A Identificar
Comunidade Nova Bélgica (Yiné/Piro/Manchineri)	90	53.300	Inapari (Tahuamanu/Peru)	Saneada
Terra Comunitária de Origem Yaminahua (Jaminawa/Manchineri)	102	41.920	Bolpebra (Pando)	Saneada

Fonte: FUNAI

Das remotas ocupações territoriais, os Manchineri habitam atualmente, na fronteira trinacional entre o Acre (Brasil), Pando (Bolívia) e Madre de Dios (Peru). Em território brasileiro vivem às margens do Rio Iaco na Terra Indígena Mamoadate, Seringal Guanabara e na Cabeceira do Rio Acre (que são partilhadas com os Jaminawá), localizada nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil, com uma extensão de 313.646 hectares.



Foto: Petiano Junior Manchineri. Divulgação autorizada.

LÍNGUA

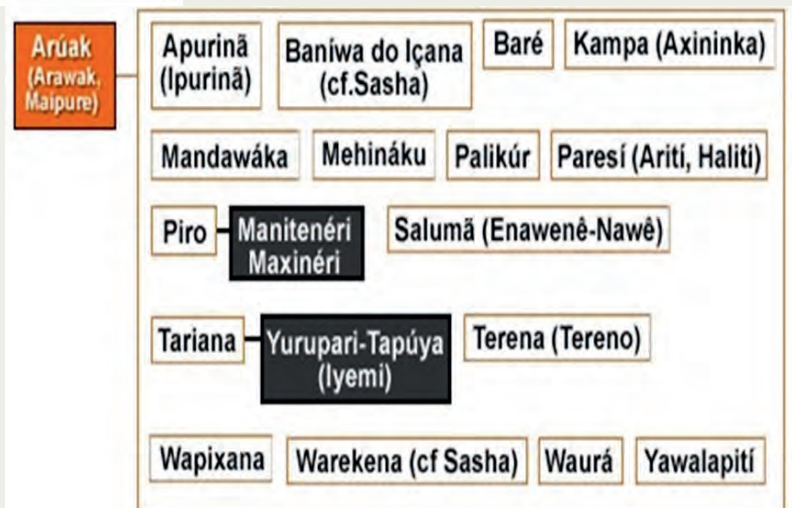
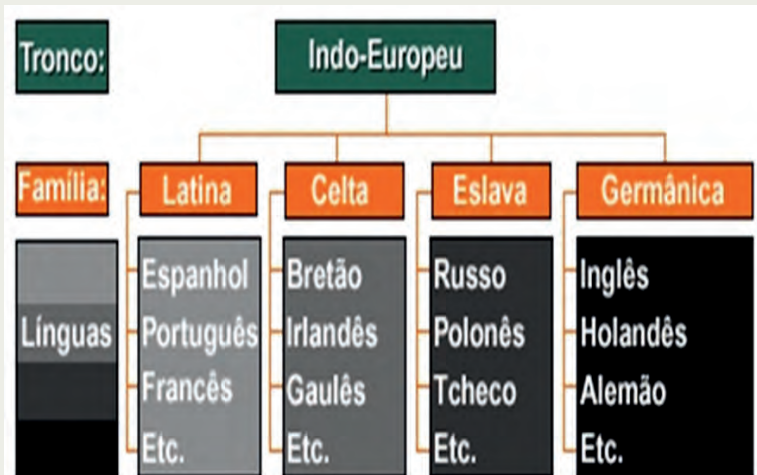
Tronco Linguístico e Família Linguística

Os **Manchineris** falam a língua **Yine** - tronco linguístico **Aruak**.

Tronco linguístico: é um conjunto de línguas que tem a mesma origem; uma língua antiga que não é mais falada.

Família linguística: é um conjunto de línguas que também possuem uma origem comum, mas que apresentam mais semelhanças entre si.

Tronco linguístico indígena: Macro-Jê (9 famílias) e o Tupi (10 famílias).



EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A Educação Escolar Indígena deve ser **“Educação Escolar Indígena Diferenciada, Intercultural, Específica e Bilíngue”**.

Ela é bilíngue porque na escola devem ser faladas e ensinadas duas línguas, o português e a língua indígena;

Ela é intercultural porque nela devem ser abordados os conhecimentos provenientes nossa sociedade, como também os conhecimentos próprios indígenas;

É específica porque deve estar referenciada não somente no indígena genérico, mas no povo indígena específico, Manchineri.



Foto: Kelianne Manchineri. Divulgação autorizada.

ATIVIDADES PRODUTIVAS



Foto: Petiano Wuriu Manchineri. Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Wuriu Manchineri. Divulgação autorizada.

A caça entre os Manchineri ocorre por trilhas que, apesar de começarem em terrenos de alguém, são de uso comum, podendo ser curtas ou levar até 4 horas de caminhada. Caçam com espingardas, terçados e cães. Para afastar a "panema", uma má sorte na caça, utilizam rituais com plantas como tipi e sanango. A pesca, com tarrafas, linhas, anzóis e fiskas, é vital para a alimentação, especialmente em épocas de escassez de carne. Na agricultura, os homens e mulheres trabalham na roça, com a preparação e plantio ocorrendo principalmente entre junho e agosto, cultivando abóbora, macaxeira, milho e arroz, entre outros.

FESTAS E RITUAIS

Entre as festas tradicionais do povo Manchineri temos a cerimônia de passagem da menina, aos quinze anos, à condição de mulher. A garota, lunaulu, é toda pintada pela avó com tinta de jenipapo sobre uma base de urucum cozido. Há então uma festa para toda a aldeia, dada pelos pais da moça, que dura um dia inteiro, com muita caçuma e comida. Gow (1991:130) menciona que este festival para comemorar a puberdade “não é mais que uma lembrança” para os Piro hoje em dia. Ao contrário, os Manchineri têm nesta festividade a única remanescente de qualquer tipo de cerimônia coletiva. Contudo esta festa só ocorre nas aldeias dentro da Terra Indígena e não nos seringais.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Manchineri>



Foto: Junior Manchineri. Divulgação autorizada.

PUYANAWA



Por:
Liliane Araujo Maia Puyanawa

Puya: Sapo

Nawa: Gente/Povo: Povo do sapo

Tronco Linguístico: Pano

Localizado: município de Mâncio Lima/AC

Quantitativo: 760 pessoas e 170 famílias

Divididos em duas aldeias: Barão/Ypiranga

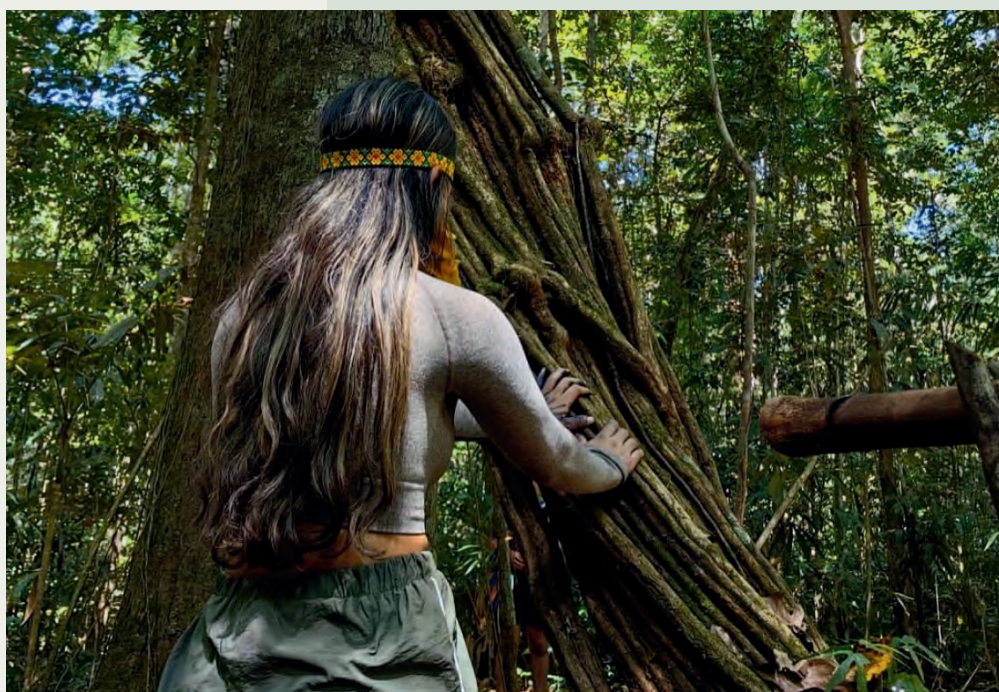


Foto: Petiana Liliane Puyanawa. Divulgação autorizada.

TERRITÓRIO

CONTEXTO HISTÓRICO

Os Puyanawa sofreram, assim como muitos povos do Acre, com o crescimento das atividades extrativistas da borracha e do caucho no início do século XX.

Desde os primeiros contatos, em 1913, os Puyanawa foram expropriados de suas terras, catequizados e educados em escolas, que proibiam a expressão de qualquer traço de sua cultura.

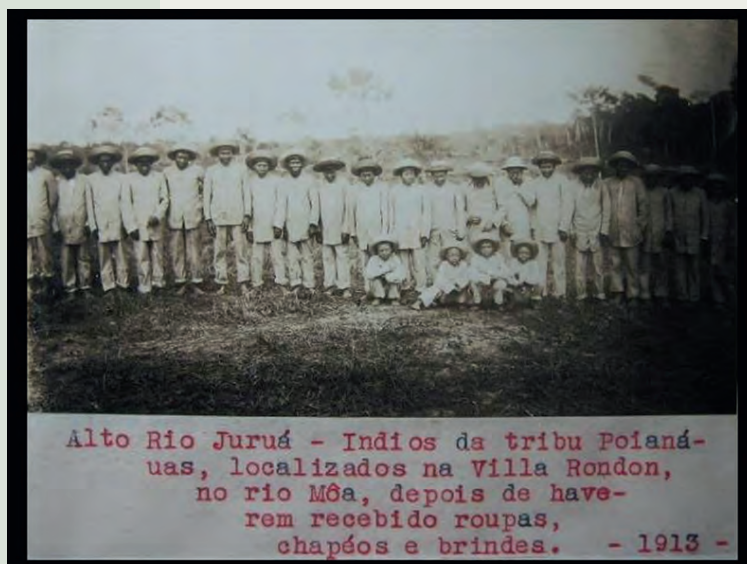
Os sobreviventes foram forçados a trabalhar nos seringais e viram rapidamente o seu modo de vida ser ceifado em decorrência dos métodos utilizados pelos “coronéis da borracha”.

Somente com o início do processo de demarcação de seu território, em 2000, a cultura Puyanawa voltou a ser valorizada pelos próprios indígenas que têm se esforçado para retomar sua língua nativa e suas tradições.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Puyanawa>



Brasil. Tribunal Especial. Publicada em 1931, Vol. 4, pg. 30.
Acervo: Arquivo Nacional



Brasil. Tribunal Especial. Publicada em 1931, Vol. 4, pg. 30.
Acervo: Arquivo Nacional

POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

As informações disponíveis sobre a população Puyanawa indicam que, em 1908, havia entre 200 e 300 indígenas na região. Em 1913, um indígena relatou que havia aproximadamente 200 pessoas no Seringal Barão do Rio Branco, e outra fonte mencionou que 208 Puyanawa foram catequizados nesse ano. Contudo, devido aos conflitos e uma epidemia de sarampo provocada pelo rápido crescimento das atividades de exploração de borracha, a população foi reduzida para 115 indivíduos em 1913. Entre 1920 e 1927, os dados registraram uma população de 125 pessoas também no Seringal Barão.

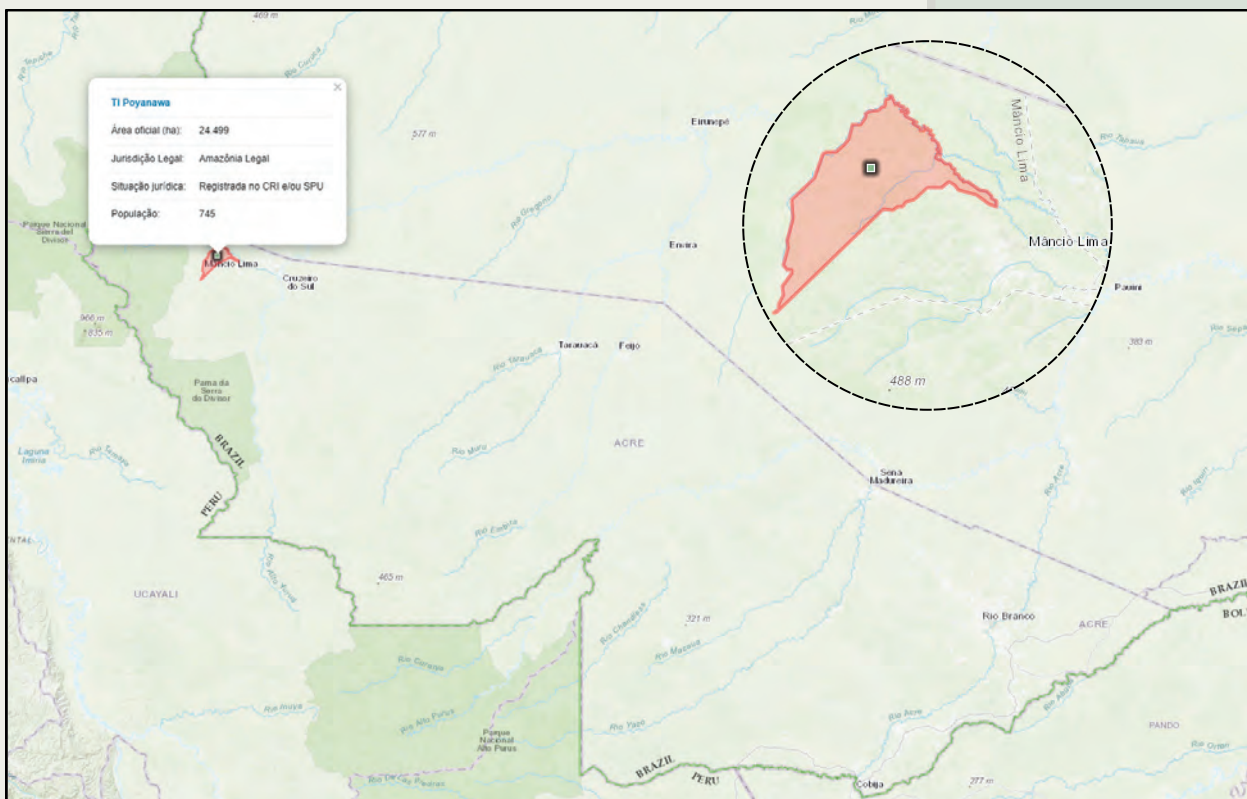
TI Poyanawa:

Área oficial (ha): **24.499**

População: **745**

No início do século 20, os Puyanawa viviam nas cabeceiras dos afluentes do baixo rio Moa. Após o contato com não-índios, foram obrigados a se estabelecer nas terras de um influente fazendeiro local, o Coronel Mâncio Agostinho Rodrigues Lima.

Atualmente, os **Puyanawa residem em duas aldeias, Barão do Rio Branco e Ipiranga, localizadas no município de Mâncio Lima, no Acre**. A principal rota de acesso é uma estrada que permanece trafegável durante todo o ano. A distância entre a sede da Colocação Ipiranga e a cidade de Mâncio Lima é de 28 km. Outra forma de acesso às terras é pelo rio Moa.



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3831>

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A LÍNGUA PUYANAWA: é chamada pelos falantes de **Ūdikuĩ**, "língua verdadeira"

PAJÉ: líder espiritual

CACIQUE: liderança do povo

COCAR

O cocar é uma característica marcante dos povos indígenas, porém, nem todos os povos indígenas do Brasil utilizam o cocar especificamente de pena.

Na aldeia Puyanawa somente os homens utilizam cocar e somente as lideranças utilizam cocar de pena de gavião.



Foto: Petiana Liliana Puyanawa com Cacique Joel Divakeh Puyanawa. Divulgação autorizada.

FESTAS E RITUAIS

Primeira celebração da
Demarcação TI - 2000

Ritual de regmar em
comemoração à demarcação
de terra indígena e à
inauguração Agro-Extrativista
Powanawa do Barão e Ipiringa
(AAPBI)



Foto: Marcelo Piedrafita Iglesias, 2000. Acervo CPI-AC.

FESTIVAL ATSA PUYANAWA



Foto: Petiana Liliane Puyanawa. Divulgação autorizada.

O Festival Atsa Puyanawa é uma celebração cultural promovida pela etnia Puyanawa, que ocorre anualmente na região de Mâncio Lima, no estado do Acre, Brasil. O evento destaca a rica herança cultural e as tradições dos Puyanawa, promovendo a valorização e a preservação de suas práticas ancestrais. Durante o festival, são realizadas diversas atividades, como danças tradicionais, cantos, rituais e exposições de artesanato, proporcionando uma imersão nas tradições indígenas. Além disso, o festival serve como um espaço de intercâmbio cultural e de fortalecimento da identidade Puyanawa, atraindo visitantes de diferentes regiões para conhecer e respeitar a cultura indígena.



Foto: Liliane Puyanawa. Liliane e Cliciane Puyanawa - Vutxaypa. Divulgação aurotizada.

PRÁTICAS CULTURAIS

CAIUÇUMA/UBA

Bebida tradicional feita a base da macaxeira (Farinha, caiçuma, beiju, pé de moleque, goma, biscoito de goma, bolo de mandioca)



Foto: Petiana Liliane Puyanawa. Divulgação autorizada.



Foto: Petiana Liliane Puyanawa. Divulgação autorizada.

RAPÉ é um pó fino feito de tabaco com um composto de cascas de árvores, ervas e outras plantas.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

PINTURAS



Foto: Internet

Primeiro Cacique com
pintura no rosto em
formato de pente

A tatuagem facial é uma característica comum a diversos povos de línguas pano. Entre os Puyanawa a tatuagem trata-se de uma linha da altura da boca à altura do lóbulo da orelha, tendo sobre a mesma pequenas linhas verticais.



Foto: Liliane Puyanawa. Pintura do Pente - Cliciane Puyanawa - Vutxaypa. Divulgação autorizada.

ESPAÇO CULTURAL

O Espaço Cultural do Povo Puyanawa, localizado no município de Mâncio Lima, Acre, é um importante centro de preservação e promoção da cultura Puyanawa. Este espaço desempenha um papel vital na valorização das tradições e na manutenção da identidade cultural do povo Puyanawa, que tem uma rica história de resistência e resiliência.



Fotos: Pedro Drone. Instagram: [@pedrodorne_ml](https://www.instagram.com/pedrodorne_ml)

RITUAL ESPIRITUAL

RITUAL ESPIRITUAL: Ayahuasca (Hew) bebida sagrada/Vinho da alma
Bebida feita a partir do: Cipó (Mariri ou Jagube) e Folhas (Chacrona ou Rainha)

Bebida tradicional indígena, porém nem todos os povos indígenas do Brasil a consomem;

Efeito: concentração mental, lucidez mental, processos criativos, recordações, visões e experiências;

Enteógeno: substância que "gera uma experiência de contato com o divino

O uso requer responsabilidade;

O uso ritualístico da ayahuasca é garantido pela justiça brasileira.



Foto: Marcos Vicente. Cacique e líder espiritual Joel Divakeh Puyanawa. Divulgação autorizada.



Foto: Carol Puyanawa. Divulgação autorizada.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Na aldeia Puyanawa, a escola atende alunos desde o ensino fundamental até o ensino médio, com todos os professores sendo indígenas formados. A instituição oferece tanto o ensino regular quanto o ensino tradicional da língua materna, promovendo um currículo que valoriza e preserva a identidade cultural da comunidade. A escola é um ponto central da vida comunitária, desempenhando um papel essencial na manutenção e revitalização das tradições culturais dos Puyanawa.

No entanto, essa realidade nem sempre foi assim. Quando a primeira escola foi instituída na aldeia, seu principal objetivo era ensinar o português e erradicar a língua materna Puyanawa. Esse processo de assimilação forçada incluía severas punições para aqueles que insistiam em falar a língua nativa, refletindo uma política de apagamento cultural que ameaçava a sobrevivência das tradições indígenas.



Foto: Agência de Notícias do Acre. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/WhatsApp-Image-2021-05-29-at-15.40.43-1.jpeg>

ATIVIDADES PRODUTIVAS

A subsistência dos Puyanawa é fortemente baseada na agricultura familiar, onde cada família possui sua própria roça, cultivando mandioca, milho, feijão, arroz, banana e cana-de-açúcar.

Também cultivam café devido à influência regional. Integrados à economia local, vendem farinha, galinhas, ovos e porcos.

Apesar da redução da pesca e da caça desde a década de 1970, ainda coletam recursos naturais para artesanato e outras necessidades.

Cada aldeia possui áreas de roçado comum, preparadas mecanicamente, e casas de farinha, onde o trabalho agrícola é realizado coletivamente, com trocas de serviços ou pagamentos em produtos ou dinheiro.

A principal atividade de renda é a produção de farinha de mandioca, beneficiada em casas de farinha apoiadas por governos e organizações, com uma associação de produtores atuando na comunidade.



*Fotos: Petiana Liliane Puyanawa.
Divulgação autorizada.*



XOKÓ

Por:
José Ruy do Nascimento Etcaninde Xokó

Os Xokós (Xocós) são um povo indígena que se utilizam da língua portuguesa originalmente e é o único povo indígena existente em Sergipe. A comunidade foi identificada pelos jesuítas no século XVI, mas acabou sendo expulsa de lá.

O povo Xokó vive nas aldeias Ilha de São Pedro e Caiçara, situadas no município de Porto da Folha, Sergipe. A maior parte da comunidade habita a Ilha de São Pedro.

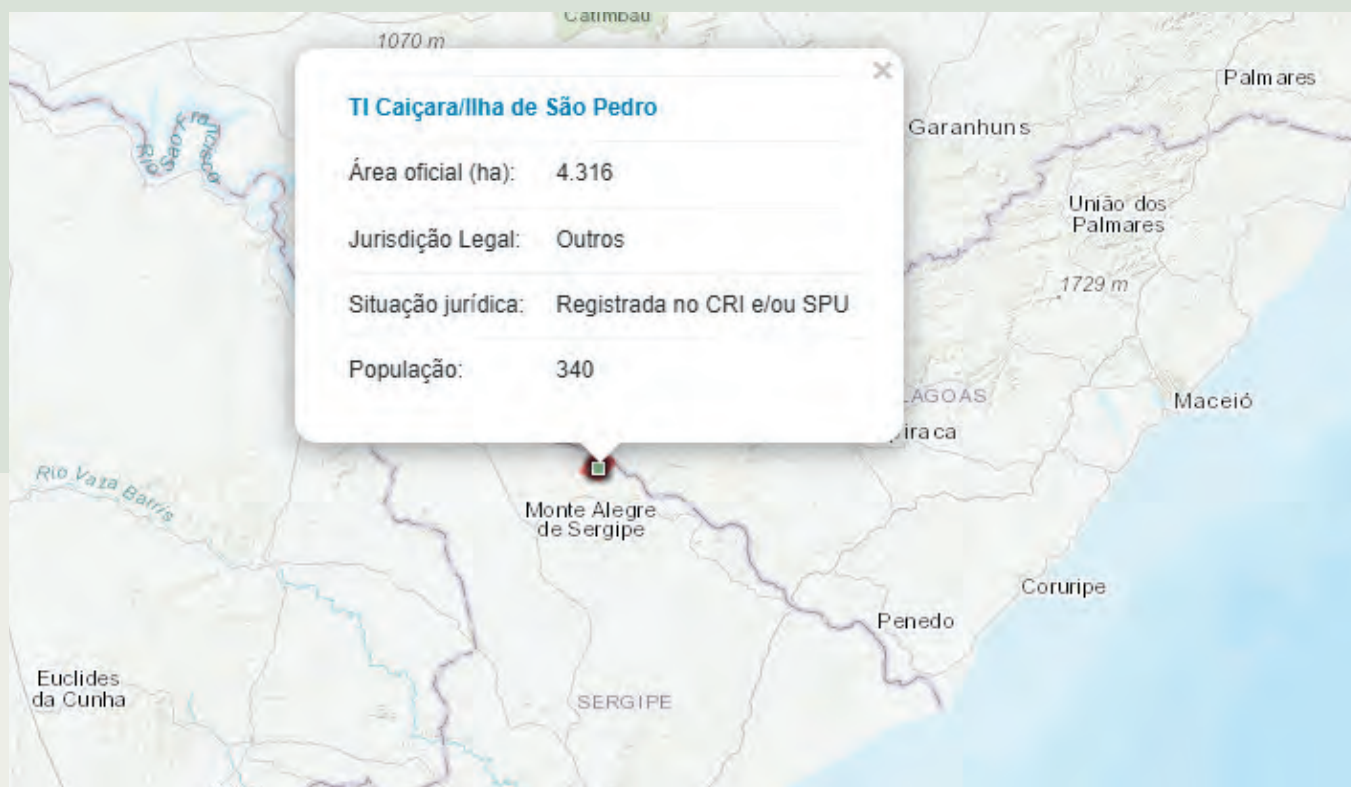
Seu cotidiano é muito semelhante ao das populações rurais de baixa renda que vendem sua força de trabalho nas diferentes atividades agropecuárias da região. Ser indígena na Ilha de São Pedro é conhecer o segredo do Ouricuri, desde a primeira infância.



Foto: Divulgação. Disponível em: <https://www.jornaldacidade.net/cultura/2022/04/327751/povo-xoko-mantem-viva-a-cultura-indigena-em-se.html>

TERRITÓRIO

O povo Xokó vive nas aldeias Ilha de São Pedro e Caiçara situadas no município de Porto da Folha, Sergipe. A maior parte da comunidade habita a Ilha São Pedro.



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>

POPULAÇÃO

A população Xokó totaliza hoje cerca de 400 pessoas, que são representadas pelo Cacique, responsável pela condução dos assuntos materiais, administrativos e sociais da comunidade e o Pajé que conduz os rituais sagrados.



Foto: Divulgação. Disponível em: <https://www.sergipenoticias.com/educacao/2022/05/25522/livro-resgata-a-memoria-do-povo-indigena-xoko-de-porto-da-f.html>

FESTAS E RITUAIS

Mungunzá, canjica, beiju, aluá, bolos e encontros com a espiritualidade marcam as festas da época das colheitas realizadas pelos povos indígenas, todo mês de junho.

O ritual do Ouricuri como vivenciado por outras etnias, quase desapareceu, estando hoje a, revitalizar-se.

A prática do **Toré**, dança ritual consubstanciada, da prática do Ouricuri, que além de sua ritualidade, representa o aspecto social e lúdico caracterizado por seus trajes típicos e pinturas corporais específica de cada etnia, conseguiu ser preservada e é praticado com certa frequência.

Além das tradições indígenas a comunidade incorporou folguedos afros, principalmente o Samba de coco, devido a convivência com negros escravizados, com quem também se relacionaram.



Foto: Apresentação do Toré aos visitantes (09/09/2011).

Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/440>

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Consiste na modalidade da educação básica ofertada pelos sistemas de ensino às comunidades indígenas, que contempla os conhecimentos da cultura, a identidade indígena e os conteúdos não Indígenas.

ATIVIDADES PRODUTIVAS

Da caça, pesca, agricultura de subsistência e da colheita de frutos viviam os indígenas Xokó.

Hoje a pesca encontra-se escassa, devido a barragem de Xingo que represa as águas, tornando o Rio São Francisco estreito e com poucos peixes. Além da agricultura de subsistência e da colheita de frutos, com destaque para o cultivo do milho, feijão, algodão, macaxeira e coco, exploram a agropecuária bovina e de pequenos animais como caprinos e ovinos.



[HOME](#) [EQUIPE](#) [NOSSO BLOG](#) [NOSSAS ATIVIDADES](#) [BIBLIOTECA](#) [CONTATO](#)



Grupo PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas

LITERATURA INDÍGENA

Com a Noite Veio o Sono

Lia Minápoty

A autora brinda seus leitores com a história do nascimento da noite que seu povo, os Maraguá, conta, geração após geração. Essa lenda revela como era impossível que esse povo dormisse e descansasse sem a existência da noite.

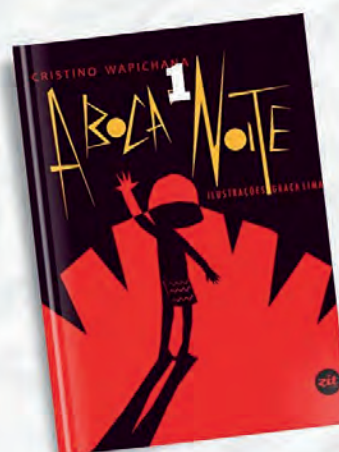


PET
INDÍGENA
Conexões de saberes:
comunidades indígenas

A Boca da Noite

Cristino Wapichana

O que será que acontece quando o sol mergulha no rio? Será que ele toma banho antes de dormir? E depois disso, será que ele passa a noite dormindo dentro do próprio rio? Essas são algumas dúvidas que levam os irmãos Dum e Kupai a subirem a Laje do Trovão, o lugar mais perigoso da aldeia!



PET
INDÍGENA
Conexões de saberes:
comunidades indígenas



A Cura da Terra

Eliane Potiguara



PET
INDÍGENA
Comunidades de saberes /
comunidades indígenas

Moína é uma menina muito curiosa, de origem indígena, e que adora se aconchegar nos braços da avó para ouvir histórias. Ela quer entender o sentido de sua vida, as suas transformações.



Redondeza

Daniel Munduruku & Roberta Asse

Redondeza convida todos os leitores à aproximação e encontro com as crianças e infâncias indígenas. Através das narrativas do texto e das imagens, percorremos lugares de viver e pertencer apresentados por várias crianças, do ponto de vista deles.



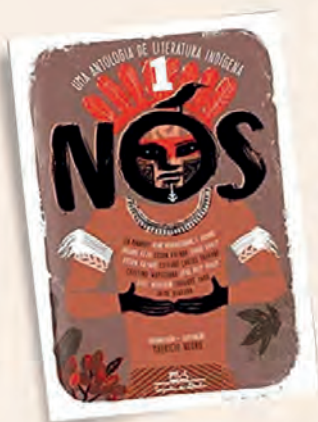
PET
INDÍGENA
Comunidades de saberes /
comunidades indígenas



Nós: Uma antologia de literatura indígena



Maurício Negro



Tratando dos mais diversos temas — dos mitos de origem às histórias de amor impossível —, as narrativas conduzem o leitor por situações e desenlaces muito próprios, sempre acompanhadas por um glossário e um texto informativo sobre o povo indígena de origem de cada autor.



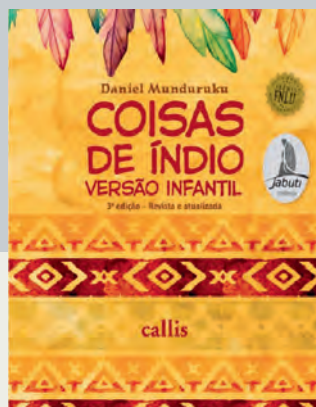
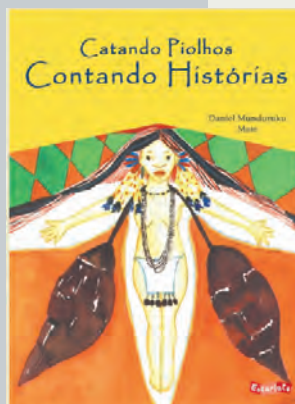
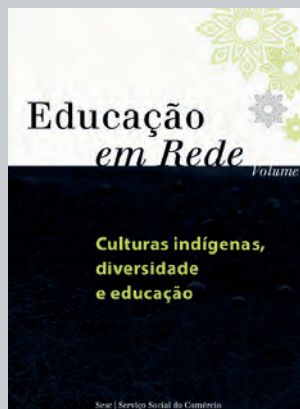
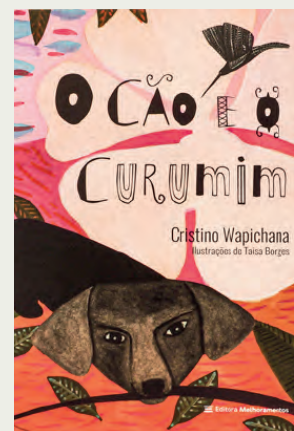
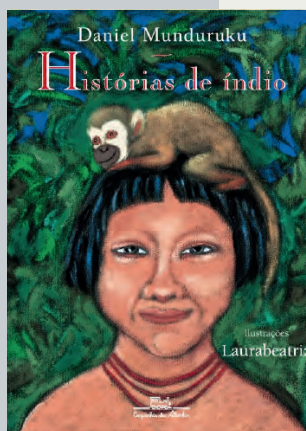
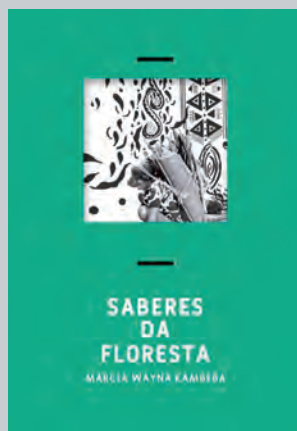
Saberes da Floresta

Márcia Wayna Kambeba

SABERES DA FLORESTA nasce com o objetivo de partilhar e fazer girar reflexões e práticas comprometidas com formas diversas de pensar o mundo, as relações, os modos de aprender e de ensinar.



TEXTUALIDADES PARA SALA DE AULA: algumas sugestões





PRODUÇÕES DO GRUPO PET



FILMES

- Expedição irmãos Vilas Boas (1953)
- A tribo que fugiu do homem (1964)
- Como era gostoso o meu francês (1971)
- Raoni (1978)
- Terra dos Índios (1979)
- Missa da Terra Sem Males (1980)
- Mato eles? (1983)
- República Guarani (1981)
- A missão (1986)
- ARAWATÉ (1992)
- Povo Brasileiro (2000)
- Pisa Ligeiro (2004)
- Terra vermelha (2006)
- Mokoi Tekoá Petei Jeguata - Duas Aldeias, Uma Caminhada (2008)
- Espelho Nativo (2009)
- Os primeiros Brasileiros (2011)
- Xingu (2011)
- As hiper mulheres (2011)
- Uma história de Amor e Fúria (2013)
- Índio Cidadão? (2014)
- Vermelho Brasil (2014)
- O abraço da Serpente (2016)
- Ex-Pajé (2018)
- Pachamama (2019)
- Encantadas - 1ª Marcha das Mulheres Indígenas e Margaridas (2019)
- Os Donos da Floresta em Perigo (2019)
- Amazônia - Sociedades perdidas (2021)
- A Última Floresta (2021)
- Ainbo: a Guerreira da Amazônia (2021)
- A Febre (2021)



ALGUNS FESTIVAIS NO ACRE

Os festivais indígenas no Acre são celebrações ricas em cultura, tradição e espiritualidade, refletindo a diversidade e a herança dos povos indígenas da região. Esses eventos promovem a preservação das tradições ancestrais e a valorização da identidade cultural indígena, além de fortalecerem os laços comunitários e sensibilizarem a sociedade sobre a importância da conservação dessas culturas. Através de rituais sagrados, danças, cantos e artesanato, essas festividades não só preservam e celebram a cultura, mas também oferecem uma oportunidade única para visitantes e turistas se imergirem e aprenderem sobre a riqueza cultural dos povos originários do Acre.

JANEIRO

- Festival Indígena Kāda Shawā Kaya, do Povo Arara na TI do Igarapé Humaitá, em Porto Walter

ABRIL

- I Festival Indígena dos Povos Jaminawa e Manchineri da TI Mamoodate, em Assis Brasil

JUNHO

- Festival Indígena Nuke Feya Xarahu, do Povo Huni Kui da TI Katukina/Kaninawa, em Feijó
- Festival Indígena do Povo Ashaninka, comunidade Apiwtxa, da TI Kampa do Rio Amônia, em Marechal Thaumaturgo

JULHO

- Festival Indígena Katxanawa Hô Hô Ika do Povo Huni Kui da TI Katukinaw/Kaninawa, em Feijó
- III Festival Indígena do Povo Huni Kui da TI Igarapé do Caucho, em Tarauacá
- VI Festival Indígena Atsa Puyanawa do Povo Puyanawa, em Mâncio Lima
- XIX Festival Indígena Matxo Noke Noi do Povo Noke Koi da TI Campinas/Katukina, em Cruzeiro do Sul
- Festival Indígena Mariri Yawanawá do Povo Yawanawá da TI Rio Gregório, em Tarauacá



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Festa do Katxa nawa - música e dança. Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Ximery Apurinã. Festival Xikane ou kiiniri/kyynyry, (Xingãné). Divulgação autorizada.



Foto: Petiano Yube Huni Kuin. Festa do Katxa nawa - música e dança. Divulgação autorizada.



Foto: Petiana Liliane Puyanawa. Festival Atsa Puyanawa. Divulgação autorizada.

AGOSTO

- Festival Indígena Mawa Isã Keneya do Povo Huni Kui da TI Colônia 27, em Tarauacá
- Festival Indígena Inu Vake do Povo Nukini, em Mâncio Lima
- Festival Indígena Nixpu Pima do Povo Huni Kui da TI Kaninawá Seringal Independência, em Jordão
- Festival Indígena da Aldeia Shanenawa do Povo Shanenawa da TI Katukina/Kaxinawá, em Feijó
- Festival Indígena Txiri do Povo Huni Kui da TI Alto Rio Purus, em Santa Rosa do Purus

SETEMBRO

- Festival Indígena do Povo Huni Kui da Aldeia São Francisco da TI Katukina Kaxinawá, em Feijó
- Festival Indígena Mani Mutsa do Povo Huni Kui da TI Katukina/Kaxinawá, em Feijó
- Festival Indígena Txirinte do Povo Katukina da TI Rio Gregório, em Tarauacá

OUTUBRO

- Festival Indígena Yawa do Povo Yawanawá da TI Rio Gregório, em Tarauacá

NOVEMBRO

- Festival Indígena Katxanawa do Povo Huni Kui da TI Alto Rio Purus, em Santa Rosa do Purus

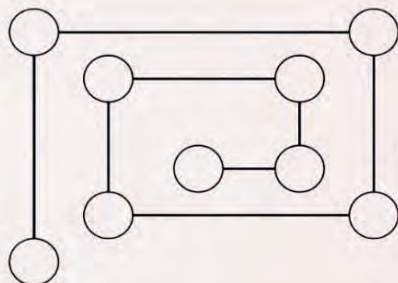
DEZEMBRO

- Festival Indígena do Povo Apolima Arara da TI Arara do Rio Amônia, em Marechal Thaumaturgo
- Festival Indígena Nuku Beya do Povo Huni Kui na TI Kaxinawá da Praia do Carapanã, em Tarauacá
- Festival Indígena do Povo Kuntanawa da Resex Alto Juruá, em Marechal Thaumaturgo
- Festival Indígena Ikamuru Shuku Shukuwe do Povo Huni Kui da TI Kaxinawá do Baixo Rio Jordão, em Jordão

JOGOS E BRINCADEIRAS

Labirinto!

Desenha-se um labirinto com diferentes etapas, com giz, no chão. As crianças começam na parte de fora do desenho e podem usar uma pedra ou objeto para marcar o lugar de cada jogador. Os jogadores tiram par ou ímpar e o vencedor de cada rodada avança uma casa. Repete até chegar ao final. Quem chegar primeiro vence a partida.



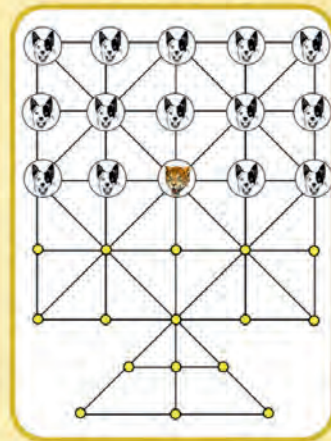
PET
INDÍGENA
Diretoria de Educação
do Departamento Indígena



Jogo da Onça!

O objetivo de cada jogador é diferente, quem joga com a Onça deve capturar 5 Cachorros para vencer a partida e quem joga com os Cachorros deve encurralar a Onça, deixando-a sem nenhum movimento válido. O jogo termina em empate se for comprovado que uma posição se repetiu 4 vezes, isso é chamado de empate pela repetição de lances e deve ser anunciado por um dos jogadores assim que ocorrer.

Preparação: Todas as peças iniciam no tabuleiro, sendo que a Onça fica na casa central do quadrado e os Cachorros ao lado e atrás da onça, conforme a imagem ao lado.



PET
INDÍGENA
Diretoria de Educação
do Departamento Indígena



BRINCADEIRA DA MANDIOCA

São formados dois grupos. Um será a mandioca e o outro o que irá arrancá-la. O grupo mandioca deve sentar no chão em fila. Um dos participantes do grupo será o "líder" e terá que segurar num tronco de árvore. O outro grupo vai arrancar uma das pessoas sentadas. Um a um até arrancar todos. Quando o grupo que estava de pé arrancar todos os integrantes do grupo da mandioca devem inverter a posição. Ganha o grupo que conseguir arrancar todas as mandiocas do grupo adversário em menos tempo.



Foto: Acervo do Grupo PET. Divulgação autorizada.

FIGURA COM BARBANTE



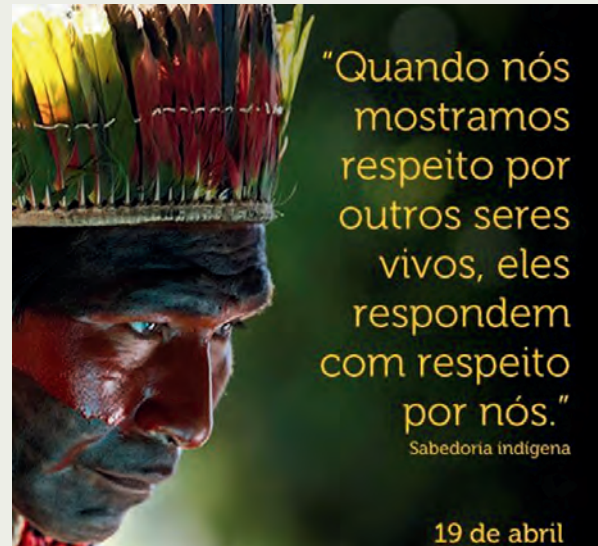
Foto: Petiano Ruwi Manchineri. Divulgação autorizada

Crianças e adultos de todos os cantos do mundo criam nas próprias mãos figuras com fios que representam formas do cotidiano, como: vassoura, estrela, rede, casa, pé de galinha, peixe, diamante, balão, morcego, entre outras. Sabem também fazer incríveis mágicas: cortam o pescoço, emendam duas pontas dos fios na boca, passam a mão de alguém entre os fios, desfazem vários nós com um único puxão, fazem mágicas com os pés.

CONQUISTAS INDÍGENAS

Novo decreto Lei 14.402/2022 mudou para “Dia dos povos Indígenas”. A data serve como reflexão sobre as populações indígenas do país. Desconstruindo conceitos formados e reproduzidos a muito tempo.

Dia 19 de Abril – Dia dos Povos Indígenas



Dia 09 de Agosto – Dia Internacional dos Povos Indígenas



LEI QUE TORNA OBRIGATÓRIO O ESTUDO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad

MOVIMENTOS INDÍGENAS

Movimento Indígena como Consequência

por Junior Manchineri

A origem do movimento indígena reside no processo de organização que se dá a partir da luta. Assim, Gersem Baniwa descreve que o “Movimento indígena é o conjunto de estratégias e ações que as comunidades e as organizações indígenas desenvolvem em defesa de seus direitos e interesses coletivos” (BANIWA, 2006. p.58). Isso denota a importância fundamental da luta, o espírito de coletividade à conquista de muitos direitos e, da mesma forma, de ser institucionalizada para que ocorra efetivamente o surgimento do movimento indígena. Assim, a própria luta carrega interfaces do movimento, posto que são ações interligadas, que coexistem em perfeita harmonia.

O movimento, como consequência, demonstra o processo inicial de organização via, especialmente, ONG que objetivam unir o conjunto de todas as reivindicações comuns, entre os povos de determinada região, e, centralizar numa organização, a representação legítima desses povos. Por isso, ainda no final do século XX, quando se buscava a autonomia para os povos indígenas, para que não fossem mais tutelados pelo Estado, as organizações de representação legítima dividiram-se por regiões no Brasil e, de sua própria região, lutavam por seus direitos. Isso não significa dizer que não existiam organizações indígenas antes da Constituição Federal de 1988, mas sim que, somente depois de sua promulgação, as organizações de representação regional começaram a surgir e se fortalecer a partir de suas bases.

Destaca-se então que a própria Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) teve sua fundação em 1989, ou seja, alguns meses após a promulgação da constituição. Logo, a nosso ver o fator determinante de transformação entre luta e movimento, foi, e ainda é, o processo de institucionalização e centralização dessa representação legítima.



Já no início do século XXI, com a maioria das organizações indígenas regionais atuando, durante a assembleia do Acampamento Terra Livre, a maior mobilização dos Povos Indígenas no Brasil, em 5 de novembro de 2005, surge a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), que, como dito anteriormente, se caracteriza como sendo a representação nacional dos Povos Indígenas no Brasil, que por meio de sua atuação política garantiu a implementação do Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI), da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial Indígena (PNGATI) e da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai).

Atualmente, o movimento indígena se estrutura dentro de uma escala de representação, na qual a APIB se encontra como representação nacional e as organizações de base da APIB são as representações regionais. Estas, por sua vez, têm suas próprias organizações de base nos Estados, sendo tal estrutura, ousamos dizer, uma das mais organizadas do mundo, posto que as reivindicações se dão por meio das organizações, tendo o Acampamento Terra Livre como principal espaço de reivindicação junto aos três poderes centrais, executivo, legislativo e judiciário, durante um período do mês de abril de cada ano.

Na terceira década deste século, mais precisamente, em 2023, iniciou-se um ano histórico para os Povos Indígenas, especialmente se considerarmos que viemos de quatros anos obscuros e perversos, principalmente para os indígenas. Assim, 2023 se torna um marco histórico de conquistas plenamente positivas, sobretudo, para o movimento indígena, posto que depois de muita resistência e luta ocorreu a ocupação e a retomada de espaços politicamente estratégicos para os povos indígenas, dentre eles, várias cadeiras no poder executivo e legislativo nacional e estadual.

Para além da ocupação, de cadeiras do poder legislativo, no Congresso e/ou Assembleias Legislativas, ocorreu, também como resultado das lutas e, depois do movimento indígena organizado

a implementação do Ministério dos Povos Indígenas - MPI, o qual é comandado por Sônia Guajajara, uma liderança indígena e deputada federal. Na esteira do exposto, o Governo Lula, ajusta também a Fundação Nacional do Índio, tornando-a Fundação Nacional dos Povos Indígenas sob a presidência, da primeira advogada indígena e da primeira mulher indígena a se tornar parlamentar, a liderança indígena Joenia Wapichana. Joenia protagonizou de 2019 a 2022 ao defender a proteção dos direitos indígenas, no Congresso Nacional. Por fim, ainda em 2023, a Secretaria Especial de Saúde Indígena - Sesai, passa a ser gerenciada pela liderança indígena e ex-vereador Weibe Tapeba.

Essas conquistas, diante de um governo federal progressista, restabelece a retomada de um protagonismo indígena dentro do próprio governo, refletindo o protagonismo que os Povos Indígenas já possuem no âmbito dos movimentos regionais e nacional. O êxito em ocupar essas autarquias vem possibilitando a inserção de indígenas em órgãos de controle social, como é o caso da Funai e Sesai, que têm suas unidades descentralizadas que se configuram como Coordenações Regionais da Funai e Distritos Sanitários Especiais Indígena da Sesai.

Com Joenia Wapichana, na Presidência da Funai, e Weibe Tapeba, como secretário da SESAI, esses órgãos descentralizados vêm sendo ocupados por indígenas em todo o Brasil, o que, especialmente, por representatividade, fortalece o movimento indígena.

Embora o ano de 2023 seja um marco histórico para os povos indígenas, é mister registrar que tais conquistas só foram possíveis por conta da persistência, perseverança e resiliência de muitas lideranças indígenas espalhadas pelo Brasil, e que, no passado, seja nesse século ou no anterior, estiveram presentes e foram determinantes para fortalecer as lutas e, consequentemente, o movimento Indígena.

Por fim, destacamos que, no próprio poder legislativo, no Congresso Nacional, em 1982, Mário Juruna se tornou o primeiro indígena Deputado Federal e, por meio de seu mandato, o movimento indígena reconheceu a importância de ter uma cadeira no congresso e, mais do que isso, que é possível ter um indígena sentado nela. Desde então, o movimento indígena se organiza e pleiteia vagas nos poderes executivo e legislativo, nos âmbitos municipais, estaduais e federais.

Depois, somente em 2018, teremos um segundo mandato parlamentar indígena, por meio, como já mencionado, de Joenia Wapichana, pelo Estado de Roraima. Ela foi a primeira mulher indígena a se tornar Deputada Federal. Agora, poucos anos depois, a eleição de 2023, nos apresenta um recorde de candidaturas indígenas e a eleição de Sônia Guajajara, pelo estado de São Paulo, e de Célia Xakriabá, pelo estado de Minas Gerais.

No intervalo de 1982 a 2023, muitos indígenas ocuparam cargos de vereadores(as), nas câmaras municipais, de deputados(as) estaduais, nas assembleias legislativas, e de prefeitos(as) em muitos municípios do Brasil, principalmente naqueles em que o quantitativo de indígenas supera o de não indígenas.

Assim sendo, 2023 evidenciou, de fato, o sucesso do movimento indígena no cenário político brasileiro, posto que após anos e anos de luta começou a ser reconhecido e valorizado pelos Povos Indígenas e por não indígenas. Esse sucesso estabelece um simbolismo muito forte e garante que possamos olhar para o passado e reconhecer que as lideranças indígenas, que se sacrificaram, possibilitaram a conquista desses direitos e a ocupação desses espaços. Assim, se nenhuma gota de sangue foi em vão, espera-se também que nenhuma outra gota de sangue volte a ser derramada, pois não queremos mártires, apenas direito e respeito.

SOBRE

O PROGRAMA

O PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas, da Ufac, é orientado pelo princípio da indissociabilidade – ensino, pesquisa e extensão – que se encontra no cerne do Programa de Educação Tutorial, de forma que todas as ações promovidas fomentem o diálogo de saberes indígenas com saberes acadêmicos/escolares a partir da consideração de suas necessidades formativas e, da mesma forma, dos desafios de suas atuações profissionais. Nessa perspectiva, assumimos o diálogo na perspectiva Freiriana, ou seja, como “o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis” (FREIRE, 1983, p. 28). Dito de outra forma, consideramos o diálogo como possibilidade de encontro com o outro e com o mundo, por meio do qual se estabelecem interações, ações, se aprende, se reaprende e se ensina.

Além disso, O PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas desenvolve suas atividades com o seguinte objetivo: “Promover formação ampla, interdisciplinar e de qualidade aos estudantes indígenas, de Cursos de Graduação da Ufac, que demonstrem interesse em participar ativamente de ações de ensino, pesquisa e extensão pautadas no diálogo de saberes indígenas com saberes acadêmicos/escolares nas diferentes áreas do conhecimento.”

Para tanto, pauta sua atuação na realização de atividades para **(a)** Acolher os estudantes petianos do PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas; **(b)** Identificar as potencialidades de cada estudante petiano e, da mesma forma, amenizar possíveis fragilidades que possam apresentar;

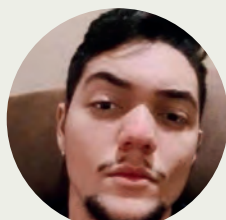
(c) Viabilizar atividades que consolidem a atuação coletiva dos estudantes petianos; **(d)** Ampliar a gama de experiências formativas acadêmicas e cidadã dos estudantes petianos; **(e)** Promover ações que exijam discussão e engajamento político, ético, científico, cultural e social; **(f)** Viabilizar a interação dos estudantes petianos com estudantes (de graduação e pós-graduação) por meio da participação no Gepecac – Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências do Acre; **(g)** Realizar ações de ensino, pesquisa e extensão de forma articulada, com o intuito de permitir a formação integral do estudante petiano; **(h)** Promover ações que auxiliem na formação do estudante petiano pesquisador e extensionista; **(i)** Aprimorar parcerias colaborativas voltadas à aproximação dos estudantes petianos do PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas, representantes da universidade, com escolas e a comunidade, de forma que sejam desenvolvidas outras práticas e experiências formativas na Universidade e na Escola; **(j)** Fomentar a participação dos estudantes petianos em ações desenvolvidas por outros grupos PETs da Ufac, sempre que possível e **(k)** Fomentar a participação e apresentação/publicação de trabalhos no InterPet, NortePet, EnaPet e demais eventos/periódicos relevantes às suas áreas de formação.



EQUIPE - PET CONEXÕES DE SABERES: Comunidades Indígenas



*Aline Andréia Nicolli
Tutora*



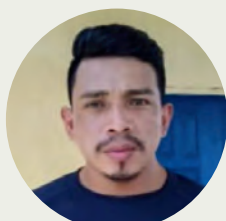
*Alvaro Ferreira de Moura
Apurinã (Sukunaky Apurinã)*



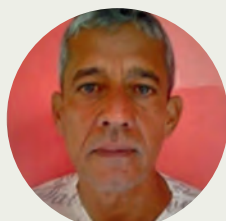
*Ângela Nunes Silva
Manchineri*



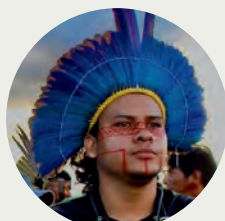
*Ernizia Borges Sereno
Kaxinawa*



*Francisco Batista da Silva
Manchineri*



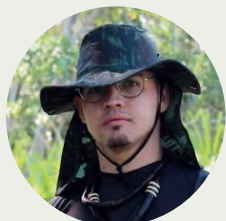
*José Ruy do Nascimento
Etcandinde Xokó*



*Jhonnatan Nascimento Oliveira
Apurinã (Ximery Apurinã)*



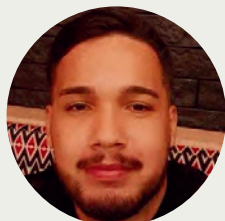
*Kailane da Silva Nunes
Apurinã*



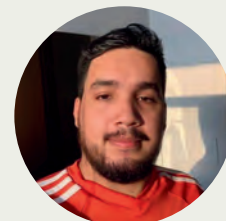
*Paulo Henrique Mesquita
Candido*



Queren Souza de Castro



*Ruwi Costa Silva
Manchineri*



*Wuriu Costa Silva
Manchineri*



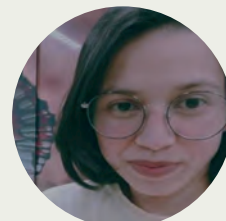
*Wardeson Rodrigues
Domingos Kaxinawá*



*Elcio Severino da Silva
Manchineri (Junior Manchineri)
Voluntário*



*Clécio Ferreira Nunes
Huni Kuin
Voluntário*



*Ketlen Lima de Souza
Apurinã (Makaya Pupÿkary)
Voluntária*



*Liliâne Araujo Maia Puyanawa
Voluntária*



CONTATE-NOS

E-mail : pconex.saberes@ufac.br

Website : www.petcomunidadesindigenasufac.org

Instagram: [@petindigenaa.ufac](https://www.instagram.com/petindigenaa.ufac)

Endereço [Universidade Federal do Acre](#)
Rodovia BR 364, Km 04
Distrito Industrial, Rio Branco - Acre
CEP: 69920-900



Universidade Federal do Acre

Centro de Educação, Letras e Artes
Bloco Irmã Giovana Ginelli
Piso Superior - sala 03



PET
INDÍGENA



Conexões de saberes:
comunidades indígenas